

O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias

José Barreto*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Cunha Dias, astrologia, horóscopos, bruxaria, loucura, psiquiatria, *Mensagem*

Resumo

Este artigo historia o relacionamento entre Fernando Pessoa e um dos seus amigos próximos, o advogado, jornalista e escritor Alberto da Cunha Dias, durante os últimos vinte e tantos anos de vida do poeta. Como astrólogo que também era, e não meramente como hobby, Pessoa em 1916 foi acusado de ser um “mago” ou “bruxo” por um jornal de Lisboa, na sequência de um caso que envolveu o seu amigo, considerado louco pelos seus familiares e internado num manicómio. A relação de amizade entre os dois manteve-se constante, apesar do recorrente desequilíbrio mental de Cunha Dias. Foi a conselho deste, que em 1934 se encontrava em tratamento num hospital psiquiátrico, que Pessoa declarou ter modificado o título do seu único livro de poesia publicado em português, *Mensagem*. A afeição do poeta pelo seu infeliz amigo, bem como pelo igualmente perturbado escritor esotérico Raul Leal, está aparentemente relacionada com a frequente alegação por Pessoa do seu próprio desequilíbrio mental e com as suas concepções sobre loucura e génio.

Keywords

Fernando Pessoa, Cunha Dias, astrology, horoscopes, sorcery, madness, psychiatry, *Mensagem*

Abstract

This article describes the relationship between Fernando Pessoa and one of his close friends, the lawyer, journalist and writer Alberto da Cunha Dias, during the last twenty-odd years of the poet's life. Pessoa practiced astrology, and not merely as a hobby. Because of that, in 1916 he was accused of being a “magician” or a “wizard” by a Lisbon newspaper, in the aftermath of an affair which involved his friend, Cunha Dias, who had been considered a madman by his relatives and confined into a mental hospital. The friendship between the two remained constant, despite the recurrent mental trouble of Cunha Dias. Pessoa claimed to have modified the title of *Mensagem*, his only book of poetry published in Portuguese, at Cunha Dias's advice, when in 1934 the latter was being treated in a psychiatric hospital. The poet's attachment for his unfortunate friend, as well as for the equally disturbed esoteric writer Raul Leal, is apparently related to Pessoa's frequent references to his own mental imbalance and to his conceptions of madness and genius.

* Instituto de Ciências Sociais— Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Uma das amizades mais duradouras de Fernando Pessoa foi a que manteve durante mais de vinte anos com o advogado, jornalista, polemista político, escritor e editor Alberto da Cunha Dias (1886-1947). Este nome, quase esquecido pela posteridade, não tem despertado particular interesse por parte dos estudiosos, para além da menção de alguns factos que o associam a Fernando Pessoa.¹ É bastante conhecida uma carta de Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, de 4 de Setembro de 1916, apontando três acontecimentos recentes que o tinham mergulhado numa depressão: a grave doença da mãe (um acidente vascular ocorrido em Dezembro de 1915, em Pretória), o suicídio de Mário Sá Carneiro (em 26 de Abril de 1916, em Paris) e, mais recentemente, “a loucura do Cunha Dias”, referido este como “um rapaz meu antigo amigo, muito falador e vivo, que você várias vezes deve ter visto na Brasileira”.² Sabe-se que o poema “Gládio”, programado para o número 3 do *Orpheu*, foi dedicado por Pessoa a Alberto da Cunha Dias, assim aparecendo tanto nas provas tipográficas da revista³ como nos originais dactilografados.⁴ É igualmente conhecido o episódio da sugestão feita a Pessoa, cerca de 1934, por Cunha Dias, então internado num manicómio, para que alterasse o título do livro que inicialmente se intitulava *Portugal* e acabou por ser publicado como *Mensagem*.⁵

A documentação relativa ao relacionamento dos dois amigos não é propriamente abundante. No espólio de Pessoa há apenas duas cartas, um postal ilustrado e um telegrama de Cunha Dias, mas sabe-se que trocaram mais correspondência, nem toda conhecida ou localizável. Há alusões esparsas a Cunha Dias em várias notas de Pessoa, publicadas ou inéditas. O espólio conserva também, além de um número muito considerável de análises astrológicas elaboradas por Pessoa sobre Cunha Dias, um manuscrito do punho deste último, de cerca de 1929, contendo em duas páginas uma lista de acontecimentos da sua vida desde 1914.⁶ Por seu turno, há várias referências a Pessoa em livros de Cunha

¹ Dados sumários sobre Cunha Dias aparecem em notas a Fernando Pessoa, *Correspondência* (1999: 441) e *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003: 112). Pouco acrescenta a entrada “Dias, Alberto da Cunha”, de Manuela Parreira da Silva em *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (2008: 220).

² Publicada pela primeira vez em *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues* [1944]. Ver Pessoa (1999: 219-221). No momento em que Pessoa escrevia esta carta, Cunha Dias estava internado no Hospital do Conde de Ferreira, no Porto. A primeira carta deste para Pessoa tem o carimbo de correio de Lisboa de 4 de Setembro, ou seja, a data da carta de Pessoa para Côrtes-Rodrigues.

³ *Orpheu* 3, edição de Arnaldo Saraiva. Lisboa: Edições Ática, 1984.

⁴ BNP/E3 (Biblioteca Nacional de Portugal / Espólio de Fernando Pessoa), 121-1 e 2. Ver aqui os originais dactilografados do poema no dossier final (Imagens 1 e 2).

⁵ O episódio do conselho dado a Pessoa foi por este relatado numa nota dactilografada datável de 1934-1935 (BNP/E3, 125A-25), publicada pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional* (1979: 179).

⁶ BNP/E3, 90²-102. Ver aqui a transcrição no Apêndice 1 e o original no dossier Imagens (3.1 e 3.2).

Dias, incluindo transcrições de cartas por este enviadas ao amigo, cujos originais não se encontram no espólio do escritor.

Nascido em Sintra, em 1886, de uma família da classe média (o pai era notário), Cunha Dias entrou aos dez anos de idade para o Colégio Militar e aos vinte anos, em 1906, para a Universidade de Coimbra, onde o seu nome aparece ligado à greve estudantil de 1907. Datam de 1913 as mais antigas referências conhecidas de Pessoa a Cunha Dias, quando este era ainda estudante de Direito em Coimbra, facto que o não impedia de frequentar as tertúlias e cafés de Lisboa. O diário que Pessoa escreveu entre Fevereiro e Maio de 1913 regista um encontro dos dois na *Brasileira* do Rossio, em que Cunha Dias lhe anunciou uma conferência que ia realizar em breve. Dias depois, novo encontro, entregando Cunha Dias um bilhete a Pessoa para assistir à dita conferência, mas no dia seguinte há a notícia de que a conferência já não se realiza no dia marcado.⁷ Vinte e dois anos mais tarde, em Novembro de 1935, o último escrito publicado em vida por Fernando Pessoa foi a apresentação no suplemento literário do *Diário de Lisboa* de uns “poemas em prosa” de Cunha Dias, a quem se refere como “meu velho amigo”.⁸ Entre estes limites cronológicos, diversas fontes documentam um relacionamento mais ou menos constante. Notas manuscritas de Pessoa referem-se, por exemplo, a livros emprestados ao amigo.⁹ Um memorando de 1914 lembra uma carta a escrever a Cunha Dias, com a observação “– and about his mother” (a mãe do amigo tinha sido vítima de um acidente).¹⁰ Outra nota coeva regista o endereço (da família) de Cunha Dias: “Quinta da Fonte da Prata | Sintra”, possivelmente para lá se deslocar “depois de 4.^a Feira”.¹¹ Vários livros de Cunha Dias das décadas de 10, 20 e 30, com dedicatórias a Pessoa, se encontram na biblioteca particular do escritor (vd. Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 136 e 224). Num livro tardio, publicado na década de 40, Cunha Dias revela ter sido “acidental companheiro de casa, em 1917-1918, do astrólogo Fernando Pessoa” (1944: 30).¹² Esta alusão a Pessoa, já falecido, como *astrólogo*, e não como *poeta*, não será acidental, pois parece ter sido essa faceta do amigo aquela que maior importância tinha para Cunha Dias.¹³ Segundo vários

⁷ BNP/E3, 20-20^v e 20-28^{r-v}, páginas referentes a 20 de Fevereiro e 7 e 8 de Março. O diário de 1913 foi pela primeira vez publicado em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966: 32-60).

⁸ Fernando Pessoa, “Poesias de um prosador”, Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* de 11 de Novembro de 1935, p. 2.

⁹ BNP/E3, 28A-9^r e 92J-2^r. Vd. Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* (2010), nomeadamente as páginas 429 e 431.

¹⁰ BNP/E3, 16A-50^v. Ver aqui dossier Imagens (4).

¹¹ BNP/E3, 93-100^r. Agradeço estas duas últimas informações a Jerónimo Pizarro.

¹² No período indicado, Pessoa viveu na Rua Bernardim Ribeiro, 11, 1.^o

¹³ Cunha Dias tratava ironicamente Pessoa de “bruxo”, adiante se verá porquê. Isabel Murteira França, em *Fernando Pessoa na Intimidade*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1987, relata que “o Dr. Da Cunha Dias, quando ia ao Café Montanha, dizia que ia *consultar o bruxo*, que era o Fernando Pessoa”.

testemunhos contemporâneos, Cunha Dias frequentava as mesmas tertúlias de café que Fernando Pessoa durante as décadas de 10 a 30: além da *Brasileira*, o *Martinho da Arcada* e o *Café Montanha*, na Rua da Assunção.¹⁴ A amizade dos dois é sublinhada pelo facto, relatado por Cunha Dias após a morte de Pessoa, de durante mais de vinte anos terem sempre almoçado ou jantado juntos nos respectivos aniversários (1944: 80).¹⁵ Cunha Dias estava no pequeno grupo (“algumas pessoas de família e alguns amigos”) que acompanhou Fernando Pessoa ao cemitério (Almeida, 1985: 37).

Dois anos mais velho do que Pessoa, Cunha Dias – ou melhor, Da Cunha Dias, como sempre fazia questão de assinar o seu nome e passou a ser referido – relacionava-se também de perto com alguns dos amigos mais próximos do poeta, como o jornalista, escritor e astrólogo Augusto Ferreira Gomes e o engenheiro Geraldo Coelho de Jesus, que foram sócios de Pessoa em 1917-1918 e com ele animaram nos anos seguintes o jornal sidonista *Acção*. Para além de certos paralelismos genealógicos de Fernando Pessoa e Cunha Dias, como o facto de o primeiro também ter ascendência Cunha e de terem ambos, pelo lado paterno, ascendência algarvia em Tavira,¹⁶ há que destacar alguns interesses comuns e afinidades, sobretudo de ideário político. Com efeito, sendo os dois republicanos quando se conheceram (Cunha Dias desde 1906),¹⁷ evoluíram ambos no sentido de um nacionalismo conservador, crescentemente crítico da 1.ª República, com o sidonismo como referência comum. Muito interessado, tal como Pessoa, pela publicidade comercial, Cunha Dias fundou uma das primeiras firmas do ramo de que há registo em Portugal: a Companhia Portuguesa de Publicidade, com sede na Rua Augusta, 70, 1.º, que estava em actividade em 1916.¹⁸ Outro traço comum a Pessoa e Cunha Dias era o fascínio pelo ocultismo. Cunha Dias acreditava piamente nos astros e, não sendo um especialista, tinha grande apreço pelo saber astrológico de Pessoa, a quem consultou frequentemente entre 1915 e 1935. Foi provavelmente Cunha Dias sobre quem Pessoa mais horóscopos e análises astrológicas elaborou, além dos que fez sobre si próprio e os seus heterónimos. O desequilíbrio mental do amigo, de que Pessoa só se terá compenetrado em 1916,

¹⁴ Ver, por exemplo, Luís Pedro Moitinho de Almeida, *Fernando Pessoa no Cinquentenário da sua Morte* (1985: 23-24 e 87).

¹⁵ O relato deste facto foi escrito em Fevereiro de 1936, pouco depois da morte de Pessoa.

¹⁶ O avô paterno de Pessoa, Joaquim António de Araújo Pessoa, e o pai de Cunha Dias, António Francisco Padinha Dias, eram ambos naturais de Tavira. Pessoa, pelo lado paterno, e Cunha Dias, pelo lado materno, tinham ascendência Cunha. Veja-se os mapas da ascendência de Pessoa em Richard Zenith, *Fernando Pessoa* (2008).

¹⁷ Cunha Dias filiou-se no Centro Académico Republicano, constituído em Coimbra em 1906. Depois da implantação da República, desinteressou-se da política partidária.

¹⁸ Vd. Henrique Pereira Ribeiro, *Factos e Não Palavras. O Sequestro do Dr. Da Cunha Dias* (1916: 39, nota 3). O advogado Henrique Pereira Ribeiro, ex-colega de Cunha Dias em Coimbra, foi seu defensor em 1916.

quando ele foi pela primeira vez internado, não contribuiu para os distanciar um do outro. Como é sabido, Pessoa, a quem os temas psiquiátricos desde muito cedo interessaram, diagnosticou-se repetidamente a si próprio e, ficcionalmente, a todos os seus heterónimos uma espécie de nevrose ou semi-loucura, que chegou a designar como “histero-neurastenia”,¹⁹ desequilíbrio que considerava apanágio de génios. Outro próximo de Pessoa, o esotérico Raul Leal, a quem Mário Cesariny chamou “o único verdadeiro louco do *Orpheu*”, bem como Ângelo Lima, louco internado de quem Pessoa elogiou e publicou poemas no *Orpheu* e na *Sudoeste*, pertenciam ao número dos amigos “loucos” que exerceram sobre Pessoa um insofismável fascínio e o levaram, inclusive, a exaltar a loucura, num texto de 1923 em que defendeu publicamente Raul Leal: “[...] é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.”²⁰

A primeira vez que o nome de Alberto da Cunha Dias esteve na ribalta foi em 1907, quando da célebre greve estudantil que fez tremer o governo então chefiado por João Franco. Depois de encerrada a Universidade de Coimbra pelas autoridades, centenas de estudantes grevistas deslocaram-se em 4 de Março a Lisboa, entre eles o primeiranista Cunha Dias, que viria a integrar a comissão, presidida pelo quintanista António Granjo, que foi entregar ao governo uma representação das reivindicações estudantis.²¹ Cunha Dias foi também um dos 160 “intransigentes” que, terminada a greve, recusaram inscrever-se nos exames desse ano lectivo (Xavier, 1962: 278). Após a expulsão, em Abril, de sete estudantes da Universidade de Coimbra, tidos como “cabeças de motim”, o protesto estudantil alastraria ao Porto, a Lisboa e a todo o país. A 15 de Abril, todos os estabelecimentos de ensino superior e técnico do país foram encerrados pelo governo. Pouco depois desses acontecimentos, o estudante lisboeta Fernando Pessoa abandonou definitivamente o Curso Superior de Letras, que tinha frequentado entre 1905 e 1907 sem nunca chegar a fazer um exame. Embora se relacione o seu abandono dos estudos com a agitação estudantil, nada se sabe ao certo sobre os verdadeiros motivos de Pessoa.²² Cunha Dias, pelo contrário,

¹⁹ “Sou, psychiatricamente considerado, o que se chama um hystero-neurasthenico” (BNP/E3, 28-11r). Publicado em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura* (2006: I, 456).

²⁰ Fernando Pessoa, *Sobre um Manifesto de Estudantes* [1923].

²¹ A comissão era formada por António Granjo, Alberto da Cunha Dias, Henrique Trindade Coelho, João de Bianchi, Ramada Curto, Carlos Olavo, Santiago Prezado, Aquiles Gonçalves e Isidro Aranha. Na sua representação, os estudantes pediam, entre outras coisas, a repetição da prova de doutoramento de José Eugénio Dias Ferreira, a criação de faculdades de Direito noutras cidades, designadamente em Lisboa e Porto, a instauração de cursos livres, a presidência dos júris de exames por estranhos ao corpo docente, a abolição da batina eclesiástica como traje académico e a extinção do foro académico. *Vd.* Alberto Xavier, *História da Greve Académica de 1907* (1962: 87 e segs).

²² Joel Serrão afirma na sua Introdução a Fernando Pessoa, *Da República*, que Pessoa teria mandado os estudos às urtigas “no contexto da greve estudantil de 1907, embora não necessariamente por

retomaria depois da greve os seus estudos em Coimbra, tendo-se matriculado nos dois anos lectivos seguintes (1907-1908 e 1908-1909).²³ Em 1908, porém, o pai, notário em Sintra, suspendeu-lhe a mesada e, em 1910, “depois de uma insignificante troca de palavras”, expulsou-o da casa paterna, recusando auxiliar monetariamente o filho nos seus estudos. Tendo iniciado o curso em 1906, Cunha Dias só o concluiu nove anos depois, em Julho de 1915, “através de dificuldades várias e mil contratempos” (Ribeiro, 1916: 166).

O relacionamento conflituoso com o pai, homem autoritário e violento, pode ter sido uma das causas do desequilíbrio mental de Alberto, que em 1916 contou ter sofrido frequentes “maus tratos” na infância (Ribeiro, 1916: 87 e 166). O seu irmão José da Cunha Dias, dois anos mais novo, tinha-se suicidado em 1906, com dezoito anos. Depois de ter sido agredido pelo pai, José tinha procurado refúgio em casa do tio, mas o pai enviou a polícia para o trazer de volta sob prisão. No dia seguinte José pôs termo à vida com um tiro (Ribeiro, 1916: 165-166). Em 1916, Alberto da Cunha Dias acusará o pai de ter sido o “assassino” de José (Ribeiro, 1916: 108).

Em Novembro de 1914, Cunha Dias, reconciliado com o pai após uma ruptura de cinco anos, casou com uma prima, Irene, filha do tio materno.²⁴ O namoro fora acidentado mas, depois de uma ruptura em 1913, seguida de tentativa de suicídio, devido a uma alegada “desilusão” quanto à virgindade da mulher, Alberto retomou a relação em 1914 e acedeu, enfim, a casar com Irene já grávida, que lhe daria um filho, Nuno, em 1915. Em 1916, porém, estando Irene novamente grávida, Cunha Dias acusou-a de infidelidade, convencido de que ela teria sido seduzida pelo mesmo homem que a teria alegadamente “violado” seis anos antes. Decidiu então abandonar o lar e divorciar-se, recusando a paternidade do segundo filho. Revelou também à mulher o propósito de matar o seu alegado “amante”, tentando mesmo envolvê-la na execução desse plano. Segundo Cunha Dias, Irene teria confessado por escrito a infidelidade e acordado o divórcio com o marido, concordando inclusivamente com o plano de matar o amante. Posteriormente, porém, Irene teria mudado de ideias e informado o seu pai e o sogro do projectado homicídio (Ribeiro, 1916: 75-76).

Na tentativa de “arrancar” uma confissão da mulher, Cunha Dias dissera-lhe que as suas indagações sobre ela se tinham fundado também em “processos

causa dela” (1979: 11). Um meio-irmão de Fernando Pessoa chegou a afirmar que ele teria sido um dos instigadores da greve em Lisboa, do que não há o menor indício. Facto é que Pessoa se sentia decepcionado com o “curso diplomático” do Curso Superior de Letras. Só a cadeira extra-curricular de Filosofia, em que se matriculou em 1906, é que verdadeiramente o interessava, como se depreende do seu diário desse ano. Sobre o abandono dos estudos por Pessoa, ver Luís Prista, “Pessoa e o Curso Superior de Letras” (2001: 157-185) e Zenith (2008: 62 e 70).

²³ *Annuario da Universidade de Coimbra* (1908 e 1909).

²⁴ Irene Moreira Rato da Cunha, filha de António Rodrigues da Cunha, irmão da mãe de Cunha Dias.

ocultos de descobrir tudo”, nomeadamente a astrologia (Ribeiro, 1916: 11 e 75), apontando o “astrólogo” Fernando Pessoa como uma das fontes dessas revelações²⁵ e, muito possivelmente, também o “magnetizador” Mariano Santana, a que mais adiante se voltará aqui. De facto, antes e depois de tomar a decisão de se divorciar, Cunha Dias consultou o astrólogo Fernando Pessoa, a quem forneceu os dados de nascimento da mulher, bem como os seus próprios, os do falecido irmão José e os do filho Nuno. Os respectivos horóscopos e outras análises astrológicas, datáveis de 1915 e 1916, encontram-se no espólio do escritor,²⁶ e deles se reproduzem aqui alguns no dossier *Imagens* (5 a 8). Não sabemos, porém, que interpretação terá feito Pessoa desses dados astrológicos, nem o que terá realmente dito a Cunha Dias.

Além dos mapas astrológicos, Pessoa elaborou também uma “curva de vida” (BNP/E3, 90²-40) e uma análise numerológica sobre Cunha Dias. Num manuscrito do espólio (BNP/E3, 90⁴-61), datável de 1915-1916, encontram-se as análises numerológicas de Mário de Sá-Carneiro, Alberto da Cunha Dias, Mário Nogueira de Freitas (primo de Pessoa) e, no verso, a do próprio Fernando Pessoa (ver aqui dossier *Imagens*, 9 e 10). No respeitante a Cunha Dias, os números prognosticam destinos muito contraditórios: “Victime de l’envie, succès, catastrophe. | Passion, ambition, ardeur. | Imperfections et douleurs, peines, attentés. | Vie heureuse et longue, exempte de soucis. | Cabale, complot, effondrement social.” Note-se, em particular, a *cabala* e o *complot*, susceptíveis de alimentar ideias paranóicas.

Quando, em Agosto de 1916, Alberto da Cunha Dias abandonou a mulher e a sua casa, em Sintra, mudando-se para Lisboa, o pai e o sogro, convictos de que ele teria enlouquecido, requereram o seu internamento psiquiátrico ao abrigo de um decreto de Maio de 1911. Entre as justificações apresentadas, referiram a intenção que Alberto teria de matar seis pessoas e de se ter baseado em revelações astrológicas ou “bruxarias” para acusar a mulher de infidelidade. Na presumível tentativa de ajudarem à sua localização em Lisboa, o pai e o sogro de Alberto forneceram à polícia uma lista de amigos do filho e genro, que incluía os nomes e moradas de Fernando Pessoa e Mariano Santana (Ribeiro, 1916: 153), este último

²⁵ Cunha Dias confessou a Fernando Pessoa ter feito essa inconfidência. *Vd.* carta transcrita em Henrique Pereira Ribeiro (1916: 39-41).

²⁶ BNP/E3, S6-14^{r-v} (os horóscopos de Alberto da Cunha Dias e do filho Nuno, datáveis de 1915), S6-22^r (análise astrológica, datável de 1915) e 90⁶-39 (o horóscopo de Irene, presumido pela data de nascimento e pela anotação junta “C. Dias”). O nome e as datas de nascimento e morte de José da Cunha Dias estão apontados num misterioso horóscopo relativo a “Delta” | 11-3-1916” (BNP/E3, 90²-26). Um caderno de Pessoa contém mais dois mapas astrológicos, coevos desses, sobre Cunha Dias, intitulado um “Rev[olução] solar 1915 C. Dias” e outro “Lunar revolution | ACD | July-August 1916” (BNP/E3, 144X-104^r e 144X-129^v). Existem no espólio vários outros horóscopos e análises numerológicas de Pessoa sobre Cunha Dias, elaborados até 1935.

um “ocultista e magnetizador”, amigo de Pessoa e de Cunha Dias, que também frequentava a *Brasileira* do Rossio.²⁷

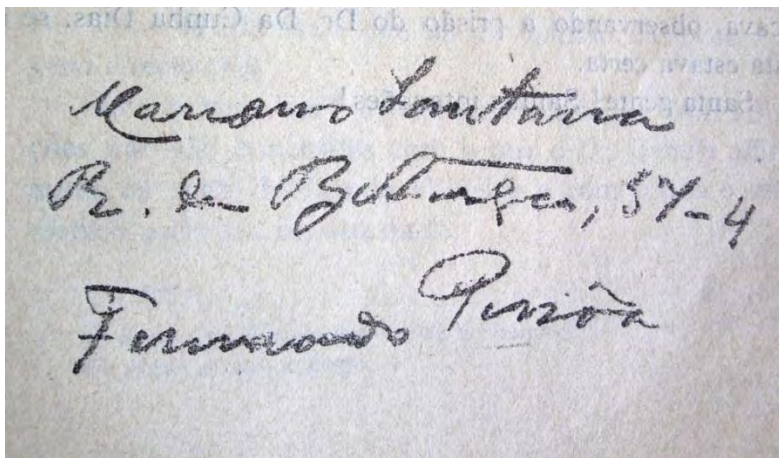


Fig. 1. Fragmento da lista de amigos de Cunha Dias, manuscrita pelo pai deste e entregue à polícia, com os nomes de Mariano Santana e Fernando Pessoa (reprod. em *Factos e Não Palavras...*, op. cit., p. 153).

A ambos o pai e o sogro de Cunha Dias responsabilizavam pelas pretensas revelações astrológicas que teriam perturbado o juízo do filho. Fernando Pessoa foi mesmo alvo, neste contexto, da ameaça de levar uma “sova”. Em carta datada de 2 de Setembro de 1916, Cunha Dias, já internado no Hospital Conde de Ferreira, no Porto, perguntava a Pessoa: “E você? Apanhou a sova? Suponho que deve ter-se salvo!” (BNP/E3, 115²-2a^v).²⁸ Em 21 do mesmo mês, já na posse da resposta de Pessoa a essa pergunta, Cunha Dias regozija-se de que, afinal, “lhe não partiram as costelas” (BNP/E3, 115²-5^v).²⁹

Cunha Dias foi detido pela polícia em 8 de Agosto de 1916 à porta da *Brasileira* do Rocio e internado no mesmo dia no Manicómio do Telhal, em Sintra. Ali seria examinado pelos psiquiatras Luís Cebola (poeta nas horas vagas e que conhecia Pessoa de uma tertúlia literária) e Júlio de Matos, director do Manicómio Miguel Bombarda e professor da Faculdade de Medicina, que tinha sido o autor ou principal inspirador do referido decreto de Maio de 1911, cujo capítulo IV regulava o internamento em manicómios.³⁰ Com base no parecer de Júlio de Matos, que lhe diagnosticou “delírio de ciúme” e “mania de perseguição”, dando-o também como louco “perigoso” e “incurável”, Cunha Dias foi transferido na noite de 23 para 24 de Agosto para o Hospital Conde de Ferreira, no Porto, sendo colocado numa cela de “furiosos” (Ribeiro, 1916: 7 e 11). O exame de Cunha Dias por Júlio de Matos

²⁷ Fernando Pessoa, numa carta de 24 de Junho de 1916 à sua tia Anica, assim se referia a Mariano Santana. *Vd.* Fernando Pessoa, *Correspondência* (1999: 214-219 e 441).

²⁸ Ver aqui o texto integral da carta em *Imagens* (11.1 a 11.3).

²⁹ Ver aqui o texto integral da carta em *Imagens* (12.1 a 12.8).

³⁰ Decreto com força de lei de 13 de Maio de 1911, sobre alienados e criação de manicómios.

tinha decorrido sob grande tensão, com o agressivo examinado a increpar o velho e consagrado psiquiatra de “vaidoso” e “petulante”, a ameaçar “puxar-lhe uma orelha” caso não lhe vestissem uma camisa-de-forças e, até, a acusá-lo de imoralidade na sua vida privada quando, no Porto, era director do Hospital Conde de Ferreira (Ribeiro, 1916: 9).

A 9 de Agosto de 1916, no dia imediato à detenção e internamento de Cunha Dias no Telhal, o jornalista Hermano Neves publicava com grande destaque, na primeira página do vespertino lisboeta *A Capital*, um artigo intitulado “Magos, bruxos e nigromantes”, sob a epígrafe “Em torno de uma tragédia” e com o subtítulo “Uma tremenda ameaça anti-social que às autoridades cumpre conjurar com violência”.

Hermano Neves era amigo e concunhado de Cunha Dias, sendo casado com uma irmã de Irene. Embora não o nomeasse, o artigo girava em torno de Cunha Dias, referindo-se-lhe como “o meu amigo X” e informando que, na véspera, ele tinha sido internado numa “casa de doidos” (note-se que Cunha Dias não tinha ainda sido observado pelos psiquiatras atrás citados). Hermano Neves descrevia o amigo X, “quase um irmão”, como “excepcionalmente vivo, profundamente perspicaz, raramente culto para os seus trinta anos”. Após novos elogios às suas qualidades intelectuais e estatura moral, Hermano Neves lembrava as “tempestades da adolescência” do amigo e os “longos dias sem pão e sem amigos”, seguidos, finalmente, da sua instalação na vida e da constituição de um lar. A mulher do amigo, “hoje mãe dos seus dois filhos” (*dois*, note-se), era descrita como “modelo das esposas” e como “a companheira ideal de todas as horas, a garantia da paz doméstica”. Mas eis que no espírito do amigo X, aliás “naturalmente supersticioso”, segundo Neves, se teria operado uma transformação maligna, começando a interessar-se “com desusado calor” pelas ciências ocultas. “Magnetismo animal, transmissão do pensamento e da vontade, quiromancia, astrologia, toda essa série de inépcias indignas da sua cultura lograram despertar-lhe a sério uma perigosa atenção”. Daí à “derrocada” do lar de Cunha Dias o caminho teria sido curto e rápido, embora o jornalista não entre em detalhes. Hermano Neves evocava por fim, comovidamente, os “filhinhos que a fatalidade lançou na mais horrível das orfandades” e a “dolorida esposa, a quem o sofrimento deu uma auréola de santa”. Relatado o caso, o jornalista lançava-se num requisitório contra a crescente praga de magos, bruxos e nigromantes que infestava Lisboa “sem que os atinja a lei”. O rol de profissionais de artes mágicas e ciências ocultas, por ele colectivamente rotulados de “bruxos”, incluía videntes, sonâmbulas, quiromantes, espíritas, mesmeristas, magnetizadores, bruxos propriamente ditos, astrólogos e grafólogos – uma “charlatanesca multidão” de exploradores da natural hesitação e inquietação das pessoas, numa hora grave e de crescente incerteza (Portugal encontrava-se envolvido na Grande Guerra desde Março de 1916). Esses alegados criminosos não se limitavam a extorquir dos crédulos o dinheiro que “a muitos desgraçados falta no dia seguinte para o pão”, pois que, “em muitos casos, roubam-lhes o juízo, despedaçam-lhes a existência, aniquilam-lhes a razão”. Hermano Neves exigia, pois, que se proibisse “com todos os rigores possíveis” o exercício de ciências ocultas e congéneres em Portugal, “enxotando de vez toda essa horda criminosa de traficantes que abraçaram a rendosa especulação da credulidade pública”.

O artigo de Hermano Neves, que teve grande repercussão junto do público, foi seguido na *Capital* dos dias e semanas seguintes por outras dez peças sobre o mesmo tema, todas sob a epígrafe “Magos, bruxos e nigromantes” (por vezes “bruxas”, no feminino). Um desses artigos era assinado por Virgínia Quaresma, a primeira repórter portuguesa, jornalista de *A Capital* e uma das grandes figuras do

feminismo português do princípio do século XX. A jornalista, que se notabilizou pela denúncia da violência sobre as mulheres, lembrava um caso ocorrido no Rio de Janeiro, que ela noticiara no começo da sua carreira de repórter no Brasil, em que um marido alegadamente desvairado por sessões de espiritismo matara a esposa, “uma mulher honesta e boa”.³¹ No inquérito de *A Capital* foram também relatadas, inclusive em cartas de leitores, outras desgraças familiares causadas não só por maridos, mas também por esposas que recorriam aos serviços de “bruxos” e “charlatães”. Num dos seus artigos, Hermano Neves relatou ter entretanto recebido o aplauso do psiquiatra Júlio de Matos, que lhe acentuou o aspecto de “verdadeiro perigo social que representa a existência de sonâmbulas, videntes, magnetizadores, etc.”.³²

Era evidente que Fernando Pessoa e Mariano Santana estavam entre os visados pelo protesto de Hermano Neves contra os “magos, bruxos e nigromantes”. Recorde-se, num parêntese, que no ano anterior, em Julho de 1915, se dera entre Fernando Pessoa e *A Capital* o célebre incidente da carta enviada ao director, assinada por Álvaro de Campos, que levava à classificação deste pelo jornal como “criatura vil e de baixos sentimentos”, pois se regozijara de forma “repugnante” com o grave acidente sofrido por Afonso Costa.³³ Pessoa, crescentemente hostil ao Partido Democrático, foi transformado num alvo da imprensa afonsista (*O Mundo*, *A Capital*), tal como o seu amigo Raul Leal o fora já. Não assim outros poetas do *Orpheu*, como Mário de Sá-Carneiro, que, tendo-se imediatamente demarcado da carta de Pessoa-Campos,³⁴ viria em Dezembro desse ano a ser convidado por Hermano Neves para colaborar num novo jornal.³⁵

Numa carta enviada a Pessoa em 24 de Setembro de 1916, Cunha Dias, ainda internado no manicómio portuense, escrevia: “Ainda bem que V. não se sensibilizou muito com os artiguinhos do Hermano na *Capital* e que nos eram dirigidos”. E mais adiante, penitenciando-se por ter nomeado o amigo como fonte das alegadas revelações astrológicas sobre a sua mulher: “V. Fernando perdoe-me, na defesa do meu lar, abusando um pouco da nossa camaradagem amiga, ter-lhe atribuído artes estranhas de magia. Mas V. tem óculos! Um astrólogo sem óculos não parece bem, um astrólogo sem óculos não é astrólogo, por consequência V. que tem óculos é astrólogo” (Ribeiro, 1916: 39 e 40). Segundo o testemunho do psiquiatra Luís Cebola (que adiante se transcreve), o sogro de Cunha Dias ter-se-ia

³¹ Virgínia Quaresma, “Nas minhas memórias e para avolumar o inquérito de Hermano Neves”, em *A Capital*, 20 de Agosto de 1916, p. 2.

³² Hermano Neves, “O charlatanismo profissional”, *A Capital*, 22 de Agosto de 1916, p. 1.

³³ “Antipático futurismo. Os poetas do *Orpheu* não passam, afinal, de criaturas de maus sentimentos”, *A Capital*, 6 de Julho de 1915, p. 1.

³⁴ Ver a carta de Sá-Carneiro ao director de *A Capital* inserta em “O caso do *Orpheu*”, *A Capital*, 7 de Julho de 1915, p. 2.

³⁵ Veja-se, a propósito, o diário de Pessoa de 1915, em Fernando Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009: 330).

referido aos amigos do género – plausivelmente Fernando Pessoa e Mariano Santana, se não também outros – como “esses amigos do Diabo”. A inclusão implícita de Pessoa no rol dos “magos, bruxos e nigromantes” deve ter sido comentada e glosada nos meios próximos do poeta do *Orpheu*. Marcelle Ferreira Gomes, mulher do amigo Augusto Ferreira Gomes, dirigir-se-á a Fernando Pessoa, num postal enviado de França em data incerta, como “Mon Cher Mage Rouge” (BNP/E3, 115²-63^r), não sendo de excluir que o *sobriquet* amistoso de “mago” se relacione com o episódio de 1916. A acusação de Hermano Neves deixou certamente uma marca no poeta astrólogo, pois que em 1935, quase vinte anos depois, num texto sobre Fátima em que polemizava com Alfredo Pimenta, Pessoa ainda ironizava a propósito dos supostos “magos e bruxos” da Maçonaria e da Associação do Registo Civil,³⁶ pouco depois de ter vindo a terreiro defender a Maçonaria com o célebre artigo “Associações Secretas”.³⁷

Nas cinco semanas em que esteve internado no Hospital Conde de Ferreira, Cunha Dias escreveu quatro cartas a Fernando Pessoa (em 2, 11, 21 e 24 de Setembro de 1916) e recebeu dele pelo menos uma, em 15 de Setembro, dia em que festejou, no manicómio, os seus 30 anos.³⁸ Nas suas cartas, contrabandeadas para fora do Hospital (embora pudesse receber correspondência), Cunha Dias dizia ao seu amigo esperar ansiosamente pelo fim do “equivoco” de que teria sido vítima e troçava dos médicos de Lisboa e, também, dos do Porto, sobretudo o neurologista José Fernandes de Magalhães, vice-director do Hospital Conde de Ferreira. O fatalismo astral continuava a obcecá-lo. Logo a 2 de Setembro, Cunha Dias pedia a Pessoa que consultasse os astros para saber “quando termina o tal trânsito” e “quando acaba, segundo o seu parecer astrológico, o meu cativeiro”, por outras palavras, “quando se vence a letra, percebe?” (BNP/E3, 115²-2 e 2^a; ver Imagens 11.1 e 11.2). Na carta de 21 de Setembro, Cunha Dias referia-se longamente ao amigo comum Mariano Santana, o amigo *magnetizador*, perguntando a Pessoa porque não responderia ele às suas cartas. Ter-se-ia Mariano zangado? Numa das cartas que lhe escrevera, Cunha Dias, brincando, chamara-lhe “S. Mariano dos... mal-casados” (BNP/E3, 115²-8a^v e 8^v; ver Imagem 12.6).

Na carta datada de 24 de Setembro, Cunha Dias contava a Pessoa o caso de um doente internado no Hospital Conde de Ferreira, rematando com uma ironia amarga:

³⁶ No manuscrito, a palavra “nigromantes” foi corrigida para “bruxos”. *Vd.* José Barreto, “Pessoa e Fátima (2009: 276).

³⁷ Sobre este artigo, ver Fernando Pessoa, *Associações Secretas e Outros Escritos* (2011).

³⁸ Duas das cartas enviadas por Cunha Dias a Pessoa encontram-se no espólio do escritor. As outras duas (de 11 e 24 de Setembro) são transcritas, a primeira só parcialmente, em Henrique Pereira Ribeiro (1916: 11-12 e 39-41), o que quer dizer que, se Pessoa não as recebeu, pelo menos leu-as no livro em questão, publicado em 1916, de que a biblioteca particular de Pessoa tem um exemplar (*Vd.* Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 398). O exacto conteúdo da carta de Fernando Pessoa para Cunha Dias, cuja recepção este assinala nas cartas de 21 e 24 de Setembro, não é conhecido.

Ontem uns criados estiveram contando a forma por que alguns doentes são internados. E contaram de um internado de uma maneira curiosa. É um melancólico e trouxeram-no de passeio ao Porto para se distrair. Ao chegarem aqui, dois amigos (dois polícias) apearam-se para mijar. E ele veio também ver o urinol, *coisa linda, o melhor do mundo*. Veio e ficou. Foi há seis anos que o trem partiu e ele ficou. Sempre que topa uma cara nova, o pobre homem enxuga as lágrimas e, devagar, aproxima-se. Faz sinais, puxa a manga do casaco ao parceiro e por fim, ao ouvido, baixinho, muito d'alma, diz: "Já mijei!"

Vista V., meu caro Fernando, a bata azul recamada de estrelas, ponha sobre o bestunto o barrete cónico e, no silêncio da noite, feitas as partes cabalísticas que tornam os astros propícios, diga lá ao Saturno adverso que eu, Da Cunha Dias, já mijei.

Certamente me liberto breve, diz V. na sua carta. Em relação ao infinito?

Ora diga lá ao Saturno que eu já mijei!

(Ribeiro, 1916: 40-41; ortografia e pontuação actualizadas)

A truculência literária de Cunha Dias revela-se plenamente noutra carta a Fernando Pessoa, enviada do Porto a 11 de Setembro, de que foi publicado um trecho no livro *Factos e Não Palavras*, que se tem vindo a citar, com um ataque em forma ao psiquiatra Luís Cebola:

Pois só aqui no Conde Ferreira e à custa de dois mil estratagemas – nem V. o calcula, Fernando amigo – eu consegui saber dos meus graves padecimentos. Eu sofro de *delírio de ciúme* e da *mania de perseguição*, vendo nos médicos que me tratam os meus perseguidores. É piramidal o cinismo! Firmam o atestado o Júlio de Matos e o Cebolinhas.

O Cebolinhas! Como isto é delirante! E lembrar-se a gente que um pai Cebola, bufando e gemendo sob a dura ardência do sol, cuspiu com mais alma nas mãos e mais fundo cavou a regueira para que, numa maior abundância, o batatal desse mais batatas. E que, no correr dos tempos, essa batata, arrancada com amoroso esforço, se transformou – maravilhas do progresso! – num Cebolinhas, filho de seu pai Cebola, médico-cirurgião que, sem pudor próprio, sem dignidade profissional e sem respeito pelos esforços do pai, nem pelo cuspo, nem pelo suor, nem pelas batatas, vem afirmar atrevidamente, pela sua honra, que eu, Da Cunha Dias, sofro de *delírio* e de *mania*!

E de que delírio e de que mania eu sofro! Oh cuspo! Oh suor paterno! Oh Cebolinhas, cabeça d'alho chocho!

(Ribeiro, 1916: 11-12; ortografia e pontuação actualizadas)³⁹

Pessoa escreveu, como atrás se disse, pelo menos uma carta a Cunha Dias enquanto este esteve internado no Porto, dando-lhe parte da sua convicção de que seria libertado em breve e enviando-lhe, juntamente, o poema "Gládio", a ele dedicado. Do poema existem duas versões dactilografadas no espólio de Pessoa, atrás citadas, com muito pequenas variantes, ambas dedicadas a Alberto da Cunha Dias. Este acusou recepção da missiva e do poema em duas cartas a Pessoa (21 e 24

³⁹ Versões quase iguais do segundo e terceiro parágrafo repetem-se na carta de Cunha Dias a Pessoa de 21 de Setembro, que se encontra no espólio (ver *Imagens*, 12.3), talvez por Cunha Dias ter presumido que Pessoa não recebeu a sua carta de 11.

de Setembro), declarando já saber a poesia de cor e pedindo ao amigo que lhe enviasse mais. No verso de uma das versões dactilografadas de “Gládio” existentes no espólio (ambas dedicadas a Cunha Dias) encontram-se umas notas manuscritas a lápis por Pessoa, sem dúvida relacionadas com o caso do internamento do amigo (BNP/E3, 121-2^v).⁴⁰ São apontamentos tomados por Pessoa do livro de Júlio de Matos, *Elementos de Psiquiatria* (1.^a edição 1911, 2.^a edição 1923), sobre “delírio”, “paranóia” e “delírio de ciúme”, ou seja, as perturbações que foram diagnosticadas pelo dito psiquiatra a Cunha Dias. Essas notas (aqui transcritas no Apêndice 2) indiciam que Pessoa se quis informar das razões do internamento e da consistência do diagnóstico psiquiátrico, valendo-se da obra do próprio médico responsável pela decisão. A propósito de Júlio de Matos, recorde-se também que o diário *A Capital*, em Março de 1915, numa campanha de descrédito contra os poetas do *Orpheu*, fizera apelo a Júlio de Matos para que se pronunciasse sobre a “literatura de manicómio” daquela revista e a alegada paranóia de Mário Sá-Carneiro e Álvaro de Campos, entre outros.⁴¹ O redactor anónimo de *A Capital* rotulava-os ainda de “poetas de Rilhafoles”, citando um estudo psiquiátrico de Júlio Dantas (*Pintores e Poetas de Rilhafoles*, 1900), que na sua opinião se aplicaria ao grupo do *Orpheu*. Um mês depois, numa curta entrevista dada ao jornal *A Lucta*, Júlio de Matos pronunciar-se-ia realmente sobre os poetas do *Orpheu*, concluindo pela não loucura dos ditos, embora os não considerasse “absolutamente equilibrados”.⁴²

O “cativeiro” de Cunha Dias terminaria, numa primeira fase, a 1 de Outubro de 1916, com a sua fuga do Hospital Conde de Ferreira. Graças à cumplicidade de um enfermeiro, Cunha Dias desceu o muro do hospital por uma corda que, por demasiado fina, lhe feriu as mãos. Ao volante de um automóvel, Cunha Dias “voou” em direcção ao Sul do país, tornando inútil uma espera que dois enfermeiros do hospital, armados de cacetes, lhe tinham preparado à saída do Porto, na ponte D. Luís (Ribeiro, 1916: 65). Enquanto o Governo Civil do Porto emitia um mandado de captura contra Cunha Dias e os médicos do Hospital Conde de Ferreira alertavam as autoridades de Lisboa para o “perigosíssimo” fugitivo, ele vagueou durante três semanas pelo Centro do país, principalmente no distrito de Leiria, onde tinha amigos, nomeadamente o advogado e ex-colega Henrique Pereira Ribeiro, cuja família lhe deu refúgio na Quinta de Andrinos, nas imediações de Leiria. Ribeiro foi o defensor de Cunha Dias neste caso e o autor do

⁴⁰ Ver transcrição em Apêndice 2 e original em *Imagens*, 13.

⁴¹ “Literatura de manicómio. Os poetas do *Orpheu* foram já cientificamente estudados por Júlio Dantas, há 15 anos, ao ocupar-se dos ‘artistas’ de Rilhafoles. Casos de paranóia – Tem a palavra o sr. Júlio de Matos”, *A Capital*, 30 de Março de 1915, p. 1. O artigo, que muitas vezes tem sido erradamente tomado por um escrito de Júlio de Matos, terminava renovando o apelo do título: “Tem a palavra o sr. dr. Júlio de Matos”.

⁴² “Os poetas do ‘Orfeu’ e os alienistas”, *A Lucta*, 11 de Abril de 1915, pp. 1 e 2.

livro *Factos e Não Palavras. O sequestro do Dr. Da Cunha Dias*, publicado ainda em 1916, de que Pessoa possuía um exemplar.



Fig. 3. Alberto da Cunha Dias, em Outubro de 1916, quando andava fugido (reprod. em *Factos e Não Palavras*).

O médico lisboeta Luís Cebola (1876-1967), director clínico do Manicómio do Telhal (1911-1948) e o primeiro psiquiatra a observar Cunha Dias, daria mais tarde, num livro memorialístico publicado nos anos 50, uma versão algo surpreendente da fuga deste do Hospital Conde de Ferreira. Segundo Cebola, teria sido o próprio Fernando Pessoa que, deslocando-se ao Porto, teria subornado um enfermeiro do hospital e, depois, levado Cunha Dias consigo para Lisboa. Curiosamente, Luís Cebola refere *en passant*, no mesmo trecho, que Fernando Pessoa já teria estado a tratar-se de uma intoxicação alcoólica no Manicómio Miguel Bombarda, um dado até agora desconhecido dos seus biógrafos (a data desse facto seria anterior ao internamento de Cunha Dias em 1916). Não é todavia muito verosímil, no relato de Cebola, a alegada participação de Pessoa na fuga de Cunha Dias do hospital portuense. De facto, para além desta declaração de Cebola, que não refere a sua fonte, não há qualquer outro indício de que Fernando Pessoa

alguma vez se tenha deslocado ao Porto. A hipotética viagem em socorro do amigo teria, em todo o caso, de se revestir de secretismo, pelo que não se compreenderia que Pessoa a fosse confessar a um dos dois psiquiatras responsáveis pelo internamento de Cunha Dias. Enfim, contrariamente ao que Cebola sugere, o fugitivo não regressou de imediato a Lisboa, tendo andado a monte pelo Centro do país, deslocando-se sempre de automóvel, durante 21 dias (Ribeiro, 1916: 107). Transcreve-se abaixo o trecho em causa do livro de Cebola, que começa por aludir ao internamento de Cunha Dias, a 8 de Agosto de 1916 (na primeira linha, onde está *pai*, deveria estar *sogro*):

No meu consultório da Rua Augusta, o pai [*sic*] do dr. “Da Cunha Dias” (assim ele assinava o que escrevia) me veio participar:

– Internei, no Telhal, o meu genro, afectado de doença mental.

Fazendo parte de uma tertúlia literária com o poeta Fernando Pessoa, este me procurou a inquirir a minha opinião:

– É, sem dúvida, um paranóico.

Esforçou-se, debalde, por me convencer do contrário.

Voltando o sogro a informar-me que “esses amigos do Diabo” espalhavam calúnias contra ele e sua filha, me perguntou:

– Não será preferível transferi-lo para o Hospital Conde de Ferreira, no Porto?

– Sim, após uma conferência com o dr. Júlio de Matos.

Fernando Pessoa, que já estivera a tratar-se de toxémia alcoólica no Hospital Bombarda, subornando o enfermeiro, o trouxe para Lisboa.

Uma tarde, Fernando Pessoa volta, muito aflito, ao meu consultório, onde deu a mão à palmatória:

– O sr. dr. Luís Cebola tinha razão: o Cunha Dias é louco e louco perigoso.

– Porque só agora o afirma?

– Porque, batendo à porta do seu quarto, no Alto do Pina, abriu-a de pistola em punho. Aterrado, fugi pela escada abaixo.

(Cebola, [1957] 1958: 62-63)

Não parece, igualmente, muito plausível que Pessoa, acaso se convencesse de que Cunha Dias era um “louco perigoso”, tivesse continuado o seu relacionamento com ele e até residido, em 1917-1918, na mesma casa, ainda que “acidentalmente” (segundo Cunha Dias), como foi já aqui referido.

Regressado a Lisboa em 21 de Outubro de 1916, o fugitivo não receou mostrar-se em público e foi encontrar-se com os seus amigos na *Brasileira* do Rocio, fazendo questão de se sentar na mesma mesa em que estivera no dia em que fora detido. No dia imediato à sua chegada a Lisboa, 22 de Outubro, após ter sido denunciado por um enfermeiro do Manicómio Miguel Bombarda, Cunha Dias foi novamente detido pela polícia quando saía de um engraxador da Praça dos Restauradores (Ribeiro, 1916: 107). Seguiu-se uma luta de dez dias entre Cunha Dias e o seu pai junto do governo, polícia, funcionários judiciais e psiquiatras (cinco novos médicos foram envolvidos no caso, dois de Leiria e três de Lisboa). A

mãe de Cunha Dias terá entretanto conseguido persuadir o marido, que fora o requerente do internamento, a desistir e solicitar a libertação do filho, ao que ele formalmente acedeu, embora avisando por outra via as autoridades de que o estado do filho continuaria a ser “alarmante” (Ribeiro, 1916: 111). Perante tudo isto, o ministro do Interior, Brás Mousinho de Albuquerque, pessoalmente convicto da lucidez de Cunha Dias, acabou por contribuir para que lhe fosse concedida a liberdade, mas sob condição de primeiramente voltar ao Porto, onde fora emitido o mandado de captura. A 1 de Novembro Cunha Dias entrava no Governo Civil do Porto e, pouco depois, era libertado por ordem do governador. Apesar de continuar a ser perseguido na rua por enfermeiros do Hospital de Conde Ferreira, uma das primeiras coisas que Cunha Dias fez foi expedir um telegrama para Fernando Pessoa: “Livre. Abraça – Da Cunha Dias”. Nessa mesma noite, iludindo os seus perseguidores, Cunha Dias apanhou o comboio para Lisboa.

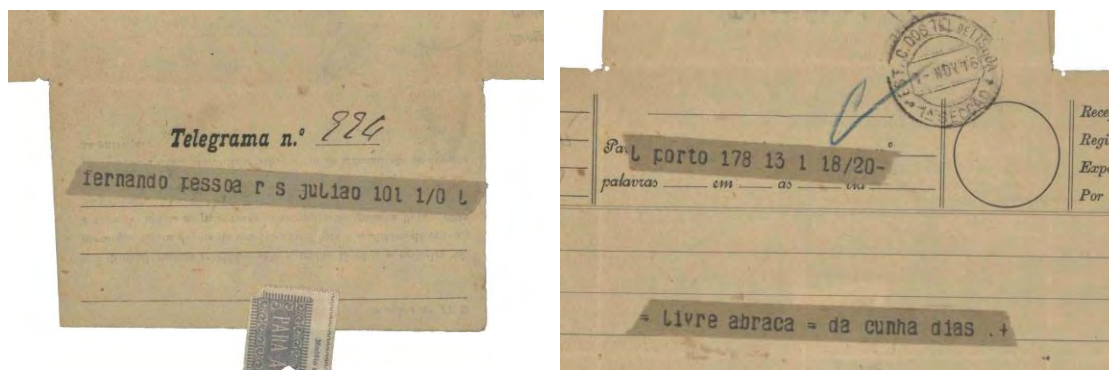


Fig. 4. BNP/E3, 115²-9 (pormenores)

Telegrama de Cunha Dias a Fernando Pessoa anunciando a sua libertação no Porto, em 1 de Novembro de 1916.

Novamente regressado à capital, Cunha Dias receava agora o seu reinternamento, dado o modo pouco ortodoxo como o mandado de captura fora suspenso por pressão do governo e decisão do governador civil do Porto, contra o parecer vinculativo dos psiquiatras das duas cidades. As ameaças de morte que tinham sido proferidas por Cunha Dias (uma reconhecida pelo próprio, as outras negadas) obrigavam as autoridades de Lisboa a mantê-lo sob vigilância. O pai, que vira as suas suspeitas de “loucura perigosa” do filho confirmadas pelos psiquiatras de Lisboa e Porto, não se conformava com a sua libertação, tanto mais que receava ser morto por ele (Ribeiro, 1916: 110-111 e 158). Nada obstava a que novo pedido de internamento fosse feito às autoridades, recomeçando o processo do início. Assim, pode não ser totalmente inverosímil o episódio, relatado por Luís Cebola, da visita de Pessoa ao quarto lisboeta de Cunha Dias, em que este teria aparecido à porta de pistola em punho, assustando o seu amigo. Tendo Luís Cebola estado pessoalmente envolvido nesta história e tendo sido repetidas vezes alvo de críticas

públicas agressivas por parte de Cunha Dias, este depoimento tardio, porventura exagerado e auto-justificativo, suscita naturais dúvidas.

Pessoa, que não parecia admitir que Cunha Dias estivesse louco quando foi internado (veja-se o testemunho de Luís Cebola, embora Pessoa falasse da “loucura” do amigo numa carta coeva a Côrtes-Rodrigues, aqui já citada), passou a admiti-la sem reservas mais tarde, mas localizando-a cronologicamente *depois* da fuga do hospital. Autoriza esta conclusão um texto ainda desconhecido de Pessoa, de carácter astrológico, datável dos anos 30, sobre o qual é necessário dizer duas palavras (BNP/E3. 90¹-55 e 56).⁴³ Em fins de Junho de 1932, Fernando Pessoa adoecera com certa gravidade. Numa análise astrológica posteriormente elaborada, ele refere-se-lhe como uma “síncope frustrada, ou lá o que foi”, que teria ocorrido em “exacta coincidência”, no seu horóscopo, com “o trânsito de Marte sobre Neptuno radical”:

(c) The transit was on the 23rd. June 1932 and the frustrate syncope, or whatever it was, took place in exact coincidence with the transit (Mars on Neptune radical). Yet this did seem a strange phenomenon, not unlike some astral start, and certainly the result was very like an etheric trouble.

Fig. 6. BNP/E3, 90¹-55^r (pormenor)

(c) O trânsito ocorreu a 23 de Junho de 1932, e a síncope frustrada, ou lá o que foi, teve lugar em exacta coincidência com o trânsito (Marte sobre Neptuno radical). Aquilo pareceu mesmo um fenómeno estranho, não muito diferente de um começo astral, e o seu resultado teve certamente muito de uma perturbação etérica. [Trad. J.B.]

In all cases investigate if any illness supervened, as it seems to have done in (c), though the incidence of other bad aspects in this case complicates the judgment.

Fig. 7. BNP/E3, 90¹-56^r (pormenor)

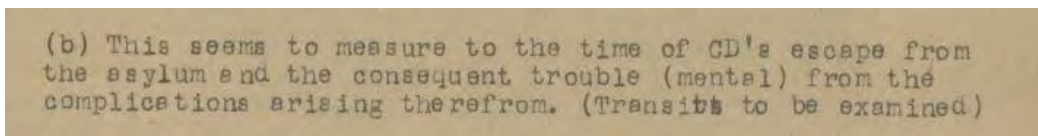
Pesquisar, em todos os casos, se alguma doença sobreveio, como parece ter sucedido em (c), embora a incidência de outros aspectos negativos neste caso possa complicar o juízo sobre ele. [Trad. J.B.]

A doença de Pessoa, ocorrida por volta de 23 de Junho 1932, é confirmada pela sua correspondência, em que a descreve como “uma espécie de intoxicação geral”.⁴⁴ Na

⁴³ Aqui reproduzido na íntegra em *Imagens*, 14.1 e 14.2.

⁴⁴ Em 16 de Julho de 1932, Pessoa escreve a João Gaspar Simões: “Tenho estado doente e só agora tenho ocasião de lhe escrever”. Em 22 de Outubro do mesmo ano, Pessoa volta a falar a Gaspar Simões da doença que teve: “Não sei se lhe disse: tive uma especie de intoxicação geral, à qual se sobrepunha e sobrepõe [...] o que, se não é uma neurasthenia aguda, lhe copiou com exito as feições e as maneiras”. *Vd.* Fernando Pessoa, *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença* (1998: 194 e 205), ou *Correspondência* (1999: 267 e 275).

análise astrológica citada, datável de 1932-1935, Pessoa associa um outro facto da sua vida com idêntico trânsito planetário: foi o seu “acto impulsivo de escrever à *Capital* em 6 de Julho de 1915”, no próprio dia em que “Marte transitou sobre Neptuno”. Trata-se da aqui já citada carta à *Capital* em que Álvaro de Campos se regozijava com o acidente acontecido a Afonso Costa, atitude que Pessoa terá então tentado justificar junto dos amigos, segundo Almada Negreiros, com o seu “estado de embriaguez”.⁴⁵ Na mesma análise astrológica surge também uma referência a Cunha Dias (CD), em relação com uma “progressão de Mercúrio em semi-quadratura com Neptuno radical”, ocorrida no ano de 1916, em que Cunha Dias foi internado. De reter, nessa referência, é a convicção de Pessoa de que a “perturbação mental” de Cunha Dias teria sido *consequência* da sua fuga do hospital e das “complicações daí resultantes”.



(b) This seems to measure to the time of CD's escape from the asylum and the consequent trouble (mental) from the complications arising therefrom. (Transits to be examined)

Fig. 8. BNP/E3, 90¹-55^r (pormenor)

(b) Isto parece corresponder ao período da fuga de CD do asilo psiquiátrico e à consequente perturbação (mental) originada pelas complicações daí resultantes. (Verificar os trânsitos). [Trad. J.B.]

Sabe-se que Cunha Dias foi, nos anos 20 ou 30, novamente internado (não se sabe quantas vezes, nem exactamente quando) e que, do final dos anos 20 até à sua morte, em 1947, o seu estado psíquico se foi deteriorando, como também o sugere o seu necrológio.⁴⁶ A partir de 1916, Pessoa e Cunha Dias mantiveram a sua amizade, como o comprova, desde logo, o facto já mencionado de terem residido na mesma casa em 1917-1918. Tentar-se-á aqui acompanhar, dessa data em diante, através da enumeração dos factos da vida de Cunha Dias, o seu relacionamento com Pessoa, que por vezes se pode apenas deduzir ou conjecturar, por escassez de dados. Utilizou-se também como guia o já referido manuscrito autógrafo de Cunha Dias, contendo uma relação dos factos da sua vida, existente no espólio de Pessoa (transcrição no Apêndice 1).

Entre 1917 e 1919, Cunha Dias, com a sua actividade de advogado suspensa, lançou duas campanhas jornalísticas em torno do seu caso, tentando “limpar o nome” e provar a irregularidade do seu internamento. A primeira campanha teve lugar em Março de 1917, consistindo numa série de artigos publicados na primeira página de sete diários lisboetas de variados quadrantes políticos (Cunha Dias

⁴⁵ Depoimento de Almada Negreiros na notícia intitulada “O caso do *Orpheu*”, *A Capital*, 7 de Julho de 1915, p. 2.

⁴⁶ “Da Cunha Dias”, na secção “De Luto” do *Diário de Lisboa* de 12 de Junho de 1947, p. 2.

considerava-se então ainda um republicano e um democrata), com o fim de provar a inconstitucionalidade do decreto de 11 de Maio de 1911, que regulava o internamento em manicómios, e de exigir a sua revogação. Ao mesmo tempo, Cunha Dias processava judicialmente (mas em vão) os médicos responsáveis pelo seu internamento. Esses 22 artigos de polémica jornalística, escritos num tom verrinoso contra os psiquiatras, foram todavia acolhidos, no ponto referente à inconstitucionalidade e “monstruosidade” da legislação sobre internamento psiquiátrico, por opiniões favoráveis de alguns dos juristas mais eminentes (Abranches Ferrão, Abel de Andrade, Rocha Saraiva e Fernando Emídio da Silva) e também de vários políticos e deputados. Os textos de Cunha Dias seriam depois reunidos no livro *Sobre um Decreto* (1918), a que a imprensa lisboeta deu grande publicidade. No entanto, novos e iniludíveis sinais de paranóia se podiam já assinalar no “Post-Scriptum” a esse livro, em que Cunha Dias acusava parentes seus de o terem tentado envenenar num jantar, no seu próprio aniversário, e denunciava uma outra maquinação obscura, provavelmente imaginária, no sentido de impedir a publicação do seu livro (1944: 111-112). A segunda campanha jornalística ocorreu em 1918, no prolongamento da primeira, capitalizando as repercussões da publicação do livro, que tivera sucesso junto do público (teve pelo menos três edições). Desta nova série de artigos, crescentemente truculentos, nascerá em 1919, com uma tiragem de 4.000 exemplares, o livro *Um Lance*. O autor oferecerá um exemplar a Fernando Pessoa, com esta dedicatória: “Ao Fernando Pessôa, estas páginas violentas do mais intempestivo dos seus amigos. 1919. XI | Da Cunha Dias”. Que terá pensado o destinatário da dedicatória ao ler a seguinte passagem do livro, em que o autor se refere ameaçadoramente ao psiquiatra Júlio de Matos, cuja biografia era, segundo acusava, “um rosário de crimes”:

Um dia aborreço-me e acabo-o de vez. A minha piedade tem seu fim. Ele anda cá por fora há trinta e tantos anos, à solta. Decido-me, e é de vez. Estendo o meu braço – escusa de se esconder!... – agarro-lhe com o meu gadanho forte por uma orelha, e nada lhe vale. Há 60 anos, ou mais, que ele anda cá por fora; há trinta, pelo menos, que anda a fazer asneiras. Basta! Pode espernear à vontade, que nada lhe vale. Agarro-lhe por uma orelha e meto-o no frasco. Vai para o álcool! O feto!...

(Dias, 1919: 26)⁴⁷

Em 1921 – ano também do seu regresso a Sintra e ao exercício da advocacia nos tribunais – Cunha Dias criou as Edições Delta. A editora publicou nesse mesmo ano, com prefácios do próprio Cunha Dias, a primeira edição portuguesa do romance *Ubirajara*, de José de Alencar, originalmente publicado em 1874, uma edição dos sonetos de Camões (*Sonetos. Do Amor, da Saudade, da Glória*), de que ofereceu um exemplar, com dedicatória de Fevereiro de 1921, ao “velho amigo”

⁴⁷ Cunha Dias chamava “feto” a Júlio de Matos por este ter alegadamente nascido prematuro, aos sete meses.

Fernando Pessoa (Vd. Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 362), e uma edição dos sonetos de Bocage (*Sonetos Escolhidos*), de que também ofereceu a Pessoa um exemplar, com dedicatória de Abril de 1921 (Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 421) – este o livrinho que, segundo José Paulo Cavalcanti (2011: 676 e segs.), Pessoa teria no bolso do pijama, no Hospital de São Luís, quando morreu. No prefácio aos *Sonetos*, Cunha Dias deixa entrever aspectos da sua identificação pessoal com Camões, de quem diz: “A sua vida trabalhosa foi sulcada por esse traço inconfundível do génio – a desgraça. Sofreu duros desenganos e a crueldade da desventura esse grande amoroso” (pp. 7-8).

Em 1923, a editora Delta lançou a colecção “Novelas & Contos”, uma série periódica de pequenas brochuras de cerca de 32 páginas, que incluía contos de Edgar Allan Poe (pelo menos três títulos), Mário Domingues, Reinaldo Ferreira (quatro títulos), Dickens, Tolstoi, Augusto Ferreira Gomes (*A Eterna Tragédia*), Adolfo Coelho e outros autores portugueses. Os contos de Poe publicados pela Delta – *William Wilson*, *O Baile das Chamas* e também *O Escaravelho de Ouro*, se não também *Ligeia* – são antecidos por uma nota sobre Edgar Poe, assinada por Fernando Pessoa, e a tradução é atribuída a Carlos Sequeira, alegado pseudónimo de Augusto Ferreira Gomes.⁴⁸ A colecção “Novelas & Contos” e a própria editora Delta não tiveram muito êxito e, em 1925, o livro de Cunha Dias *O Desfalque do Tesouro* já foi editado pela Livraria Bertrand. Nas décadas de 30-40, a Delta só publicará obras do próprio Cunha Dias. Refira-se que também em 1923 foi lançada em Lisboa, por outra editora, mas com maior êxito, a colecção “Novela Sucesso”, dirigida por Francisco Direitinho, na qual se publicaram, com periodicidade semanal, pelo menos 23 volumes de contos e novelas curtas de baixo preço, um deles da autoria de Augusto Ferreira Gomes (*Múmia Assassina?*). Acrescente-se que Fernando Pessoa teve vários projectos, nunca realizados, de edição de séries periódicas de pequenos livros: por volta de 1909-1910 (data dos projectos Íbis), a “Bibliotheca Portuguesa”, que deveria publicar semanalmente pequenos livros de autores portugueses, sobretudo poesia, a 20, 30 ou 40 réis o volume, colecção para

⁴⁸ Sobre a edição de *O Escaravelho de Ouro* pela Delta, na colecção *Novelas & Contos*, ca. 1923 (que, ao contrário dos dois outros títulos, não consta do catálogo da Biblioteca Nacional), lê-se num estudo recente: “Around 1923, *The Gold-Bug* was published for the first time in a separate volume. This extremely rare book is prefaced by Fernando Pessoa [...]. The translation is signed Carlos Sequeira, pseudonym of Augusto Ferreira Gomes, a writer of *novelas curtas* avowedly influenced by Poe. The translation itself, however, is a disappointment, for it follows, almost *verbatim*, Albuquerque’s version” (refere-se a Mência de Albuquerque, que fora a primeira tradutora do conto de Poe, em 1889). Vd. Margarida Vale de Gato, “Edgar Allan Poe in Portuguese: A Case-study of ‘Bugs’ in translated texts” (2005: 197). Outro estudo (Figueiredo, 2009), refere, sem dar contudo indicações bibliográficas precisas, dois outros títulos traduzidos por Sequeira, *Ligeia* e *Silêncio*, em 1923, o que corresponderia à data da colecção “Novelas & Contos” da Delta. *Silêncio* foi, de facto, publicado no *Notícias Ilustrado*, n.º 14, de 16 de Setembro de 1928, p. 15, antecedido da mesma nota biográfica de Poe por Fernando Pessoa.

que chegou a projectar 30 títulos; e, por volta de 1924, o projecto “Anthologia”, uma colecção de pequenos livros de poesia a publicar periodicamente, com volumes de 32 páginas, impressos em papel *vergé* e ao custo unitário de 2\$50, para que chegou a projectar 50 títulos de autores portugueses e estrangeiros (BNP/E3, 48B-18 e 48-12).

A 7 de Março de 1922, Cunha Dias casou em segundas núpcias com Palmira, de quem terá quatro filhos, nascidos entre 1923 e 1927: Lopo, Telo, Guida e Vasco.

Em 1923, Cunha Dias foi advogado de defesa, em Tribunal de Guerra, de um dos réus no processo dos morticínios de 19 de Outubro de 1921, a *noite sangrenta*, como ficou para a história. Durante o julgamento mandou calar um advogado que fizera acusações a Sidónio Pais. Noutra audiência do mesmo julgamento, perguntou enfaticamente ao juiz presidente porque não se encontravam ali sentados, junto com os réus, “os membros do Conselho da Ordem do Grande Oriente Lusitano...desunido” – insinuando assim que a Maçonaria, ou parte dela, estaria implicada nos assassinatos cometidos durante a *noite sangrenta*. Vários réus, entre os quais o famigerado Abel Olímpio, o *Dente de Ouro*, comprovado assassino de António Granjo (ex-primeiro ministro e antigo companheiro de Cunha Dias em Coimbra e durante a greve de 1907), foram no final cumprimentar o advogado, dizendo-lhe, em particular, o *Dente de Ouro*: “Defendeu-nos a todos!” – elogio que Cunha Dias cita com visível orgulho (1945: 39). Fernando Pessoa que, segundo Cunha Dias, tinha feito questão de assistir ao julgamento, observou-lhe depois que o tribunal ficara “petrificado” com a acusação que ele fizera à Maçonaria da autoria moral dos crimes (1945: 38). O jornalista monárquico Rocha Martins, ao tempo bastante adverso à Maçonaria, fez no seu semanário *Fantoches* um rasgado elogio da intervenção de Cunha Dias em tribunal, por ter feito frente aos alegados “insultos” dirigidos à memória de Sidónio Pais: “Foi um homem diante de eunucos”.⁴⁹

Nesse mesmo ano de 1923 ou data posterior, Pessoa elabora o que parece o plano de uma revista, de cujo índice consta um “discurso de Da Cunha Dias”:

1. Programma.
2. Protesto.
3. S[entido] d[o] S[idonismo] – Os artigos.
4. (Raul Leal).
5. Manifesto de Marinetti.
6. Carta do Mousinho.
7. Discurso de Da Cunha Dias.
8. (Antonio Botto).
9. (Almada).
10. (Chronica Financeira).

⁴⁹ *Fantoches*, n.º 21, de 26 de Maio de 1923, pp. 1-3.

Em 1923, Fernando Pessoa elaborou dois novos horóscopos de Cunha Dias, um deles com a menção expressa de “horóscopo rectificadado” (BNP/E3, 90³-17).⁵¹ Em ambos, constata-se que a posição de vários planetas foi corrigida em relação aos cálculos que Pessoa fizera para os mapas de 1915-1916 relativos ao seu amigo. Cunha Dias ter-se-á deslocado ao Brasil em 1923 ou 1924 (*Vd.* Dias, 1944: 59-60), facto que pode ter dado azo a uma eventual consulta prévia do “astrólogo” Pessoa.

Se Cunha Dias pretendia ir fazer vida para o Brasil, foi mal sucedido, pois em 1924 já estava de volta a Lisboa. Pouco depois do seu regresso, Cunha Dias, aparentemente afastado da advocacia, começou a trabalhar como jornalista para o diário *A Batalha* (órgão da central sindical CGT, de tendência anarco-sindicalista), onde viria a distinguir-se com uma série de artigos sobre um escândalo financeiro e político. O visado por esses artigos era o recém-nomeado alto-comissário em Angola, Francisco Rego Chaves, antigo colega de Cunha Dias no Colégio Militar. Rego Chaves fora ministro das Finanças, em 1919, e, depois disso, administrador de empresas pertencentes a bancos. Em 1924, Rego Chaves estava já a ser alvo duma campanha da imprensa monárquica, que discordava da sua nomeação como alto-comissário, quando foi acusado por Cunha Dias em *A Batalha* de em 1919 ter perdoado a cinco bancos uma alegada dívida ao tesouro de meio milhão de libras e de ter sido “pago” com cargos oferecidos pelos ditos bancos. Cunha Dias exigiu, num dos seus artigos da *Batalha*, a prisão para Rego Chaves, em lugar do “prémio” da sua nomeação como alto-comissário em Angola. Rego Chaves acabou sendo demitido do cargo nas vésperas do Natal desse ano. Em 1925, Cunha Dias reuniu esses artigos da *Batalha*, juntamente com outros, no seu livro *O Desfalque do Tesouro*, de que oferecerá um exemplar a Fernando Pessoa.

Na conclusão desta obra, escrita em 1925, o autor fala da “torva e medíocre oligarquia financeira” que dominava em Portugal; dos “pseudo-partidos que entre si dividem o poder e a gamela dos empregos”; da “vala distante que separa governos e governados” e que, “dia a dia mais larga, [...] dentro em pouco será abismo”; do “sujo formigar da malta sôfrega que, jogando-se os últimos impropérios, disputa os empregos e os negócios”. Enaltece, depois, o passado histórico e os valores nacionais e diz que “Portugal está a despertar do letargo de uns séculos”, para de seguida declarar, num apelo que antecede de apenas meio ano o golpe de Estado de 28 de Maio: “Cumpre, somente, nesta hora que decorre, segurar com firmeza um cabo de vassoura e varrer”. E, num tom mais profético, termina: “Tudo quanto por aí se agita neste fétido charco é enxurro, que as águas potentes de duros invernos em breve arrastarão. E praza a Deus que não sejam de

⁵⁰ Manuscrito a lápis no verso de um panfleto de 1923 de Raul Leal. Agradeço a Jerónimo Pizarro a indicação deste documento.

⁵¹ Ver os dois horóscopos nas Imagens 15 e 16.

sangue e de lágrimas essas águas...” (Dias, 1925: 277-279). Em 1925, Cunha Dias pertence, pois, à aliás numerosa galeria dos críticos apocalípticos da democracia e dos profetas de um regime de força, crescentemente atraídos pelas ideias autoritárias e fascistas. Curiosamente, o seu ataque jornalístico a Rego Chaves, em 1924, tinha sido antecedido por um encontro entre os dois, em que Cunha Dias, exibindo uma carta de recomendação do chefe do Partido Democrático, José Domingues dos Santos, lhe pedira um emprego em Angola, para onde se dispunha ir trabalhar, deixando ao critério de Rego Chaves a escolha de qualquer cargo situado numa escala “entre preto e alto-comissário”. É o próprio Cunha Dias quem o relata, sustentando porém que, no dia imediato – posto entretanto ao corrente da “atmosfera de suspeições” que envolvia Rego Chaves e informado, também, de uma campanha jornalística que se preparava em Lisboa contra ele – lhe fora declarar que desistia do emprego pedido (Dias, 1925: 35-38). Atingido por essas campanhas, Rego Chaves foi demitido sem que chegasse a ir para África, mas em 1925 foi novamente eleito alto-comissário de Angola pelo Senado e desempenhou efectivamente essas funções até 1926 (Cunha Dias só publicou o livro em fins de 1925, segundo disse, pelo facto de Rego Chaves ter sido novamente nomeado). Em 18 de Abril de 1925 tinha-se registado uma primeira tentativa de derrube da República democrática. Quando o *Desfalque do Tesouro* foi publicado, caminhava-se já a passos largos para a instauração de uma ditadura, que triunfaria após novo golpe militar, em 28 de Maio de 1926.

A partir de 25 de Abril de 1927, Cunha Dias é, com o militar e dramaturgo Carlos Selvagem, um dos dois redactores principais do vespertino lisboeta *O Imparcial*, um diário republicano e pro-Ditadura, subsidiado pelo governo militar até entrar em conflito com ele. Cunha Dias abandona o lugar em 16 de Junho desse ano, sendo o seu nome substituído dias depois no cabeçalho do jornal pelo do tenente Henrique Galvão. No diário colaborou também Fernando Pessoa, com uma crítica literária, “Luiz de Montalvôr”.⁵² *O Imparcial* encerrou em Julho de 1927, pouco antes da intentona militar fascizante que ficou conhecida pelo “golpe dos Fifis” (18 de Agosto), de que o referido Galvão foi um dos militares conjurados.⁵³

Toda a vida apertado por dificuldades financeiras, a que a sua escassa actividade de advogado não conseguia obviar, e certamente desiludido com a política, talhada para outros temperamentos que não o seu, Cunha Dias partiu a 3 de Maio de 1928 para Angola, onde desde há muito planeava “forrar uns patacos” para a sua família. A 5 de Maio, já a caminho de África no paquete *Angola*, enviou da Madeira um postal ilustrado a Fernando Pessoa, com estes dizeres: “5-V-28 Funchal | E aqui vou, meu caro Fernando. Um abraço do Da Cunha”.

⁵² Publicada no *Imparcial* n.º 41, de 13 de Junho de 1927.

⁵³ Sobre *O Imparcial* (1927), ver Lemos, *Jornais Diários Portugueses do Século XX* (2006: 358-360).



Fig. 9. BNP/E3, 115-1

Postal ilustrado de Cunha Dias, do Funchal, em 3 de Maio de 1928, para Pessoa.

A infelicidade parecia contudo perseguir Cunha Dias e, meses depois, teve de regressar subitamente à Metrópole (3 de Agosto), por morte da mulher, Palmira, ocorrida a 12 de Julho. Seguir-se-ia, a 15 de Dezembro do mesmo ano, a morte da filha Guida, de três anos de idade.

Em 2 de Abril de 1929, Cunha Dias começou a publicar no jornal católico e monárquico *A Voz* – no seguimento de um artigo anti-maçónico do director do jornal, Fernando de Sousa – uma série de artigos contra a Maçonaria, mais tarde recolhidos no seu livro *A Maçonaria em Portugal* (1930), publicado pela editora Delta. A 16 de Abril de 1929, em plena campanha de Cunha Dias na *Voz* contra a Maçonaria, a polícia invadiu o Grémio Lusitano (sede do Grande Oriente Lusitano) e prendeu um grupo de maçons ali reunidos. Destes, apenas os oficiais do Exército e da Marinha puderam sair em liberdade. Os outros maçons, levados sob prisão para o Governo Civil, foram identificados e, depois, libertados por ordem do chefe do governo e ministro do Interior, general Vicente de Freitas. Cunha Dias, considerando que o sucedido fora uma “inconsequente fraqueza” do governo, perguntava no seu livro de 1930: “Então para que os prenderam?”

Nesta fase, o posicionamento político de Cunha Dias, antigo republicano e democrata, parece evoluir no sentido do monarquismo católico e, depois, do Nacional-Sindicalismo, movimento monárquico e corporativista de características fascizantes, liderado por Francisco Rolão Preto, que tinha no diário *Revolução*, fundado em 1932, o seu órgão de imprensa. Um artigo de Cunha Dias intitulado “A cadeira do poder”, publicado na *Revolução* de 9 de Julho de 1932 – um mês depois da ascensão de Salazar à chefia do governo e à efectiva liderança do regime – aparecia plenamente sintonizado com os ideais nacional-sindicalistas e com o tipo de críticas que o fascista Rolão Preto fazia da figura do novo ditador. Nesse texto, que ainda pôde escapar à censura, Cunha Dias comparava a figura de César

(modelo político de Mussolini), que ascendera ao poder por “direito de conquista”, à figura de um político não nomeado, que trata simplesmente por tu (visivelmente, Salazar), a quem diz: “Ascendeste ao poder acomodando-te, transigindo, rastejando...”. O paralelo entre César-Mussolini e Salazar é sempre desfavorável a este último: “Tu serás escravo de ambições e interesses dos outros”. Mas se César tinha sido vítima de uma conjura sombria, originada na inveja e no ódio, Salazar, pelo contrário, já que ninguém o aclamaria nem o odiaria, podia estar sossegado: “Ninguém te fará mal!” (in Dias, 1934: 36-37). Desta evolução política de Cunha Dias, fez parte, como se disse, a aproximação à Monarquia. Num texto de 11 Julho de 1932, também destinado à *Revolução*, mas que foi cortado pela censura (talvez como represália pelo artigo atrás citado), Cunha Dias confessava que em 1908, jovem militante do Centro Académico Republicano, em Coimbra, tinha secretamente chorado, para não ser visto pelos colegas, quando da morte do príncipe herdeiro assassinado Luís Filipe, que conhecera pessoalmente (Dias, 1934: 38-40).

Cunha Dias continuará a publicar escritos obsessivamente anti-maçónicos, entre eles a *História da Velha Feia-Má* (1933), um insólito livrinho anti-maçónico e anti-feminista para crianças, dedicado “às Mães portuguesas”. Três dos filhos do autor – Lopo, Telo e Vasco – são também personagens do livro. A “Velha Feia-Má” é a Maçonaria, mãe dos “Filhos da Viúva” (designação habitual dos maçons) e das “Feministas”. Em 1934 reúne no livro *Palavras aos Hereges* (que oferece a Fernando Pessoa) crónicas místicas e patrióticas publicadas em 1929 e 1932 nos jornais *A Voz* e *Revolução*. Também em 1934, publica *Cartas de um Português*, contendo a “Carta de um português de lei a um mação internacional”, publicada em *A Voz* de 5 de Outubro de 1931, e outros três artigos. Em 1936, reúne mais crónicas anti-maçónicas em *A Maçonaria e o Exército*. Todos os livros são publicados pela sua editora Delta, caprichando num grafismo moderno e sui-generis que já em 1919 caracterizara o livro *Um Lance*.

Fernando Pessoa tinha, por esses anos, uma opinião bem diferente da de Cunha Dias acerca da Maçonaria, se não oposta, como o provam uma carta de Pessoa dirigida ao director de *A Voz* em 1934, que não foi publicada, e, sobretudo, o seu célebre artigo “Associações Secretas”, publicado no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro de 1935. De vários outros escritos impublicados, provenientes da arca do escritor o mesmo se pode concluir. Veja-se sobretudo os seus fragmentos sobre “Campanhas antimaçónicas”, em que dissecava e caustica o tipo de campanhas como as que Cunha Dias promoveu nos anos 20-30.⁵⁴ Francisco Peixoto Bourbon, jovem agrónomo monárquico das relações de Pessoa no final dos anos 20 e princípios dos anos 30, relata nas suas evocações pessoais, publicadas em 1973 no *Eco de Estremoz*, várias discussões e desavenças de Cunha Dias com o amigo Fernando

⁵⁴ Sobre os escritos de Pessoa acerca da Maçonaria, das campanhas antimaçónicas e da lei antimaçónica de 1935, ver: Fernando Pessoa, *Associações Secretas e Outros Escritos* (2011).

Pessoa na tertúlia do Café Montanha. Tal como Peixoto Bourbon, também Cunha Dias detestara a posição assumida por Pessoa sobre a questão maçônica. Apesar desses atritos e discordâncias políticas, Pessoa e Cunha Dias mantiveram a sua amizade, contrariamente a Peixoto Bourbon, que confessadamente se distanciou então do poeta.

O cortejo de amores infelizes, desgraças, desequilíbrios e insucessos da vida de Cunha Dias foi permeado por alguns momentos de êxito jornalístico, em que fez falar de si, e por raros momentos de felicidade familiar, fornecendo o conjunto matéria talvez ideal para a análise astrológica de Fernando Pessoa. Pode ser precisamente essa a explicação para a existência no espólio de Pessoa de um documento, acima já referido, com a lista dos acontecimentos e datas da vida de Cunha Dias, do seu próprio punho, abrangendo o período de 1914 a 1929. Pessoa deve ter sido repetidamente assediado por perguntas de Cunha Dias que, em momentos de incerteza e indecisão, desejava saber o que auguravam os astros e se o momento lhe era propício. Com efeito, no espólio pessoano existem, além das numerosas análises astrológicas que já foram citadas, três outros horóscopos referentes a Cunha Dias, mas de um tipo diferente – mapas de “astrologia horária”, mais caracteristicamente divinatória, que Pessoa designava por “questões horárias” (Q.H.). Um desses mapas data de Setembro de 1928 e os restantes de 1935 (Agosto e Outubro), todos elaborados para dar resposta àquele tipo de perguntas, em função da data e hora em que eram colocadas por Cunha Dias (BNP/E3, S7-40 e S5-1 e 4).⁵⁵ Em data que se pode conjecturar como sendo 3 de Novembro de 1935, semanas antes de morrer, Pessoa elaborava um último horóscopo sobre Cunha Dias (BNP/E3. S5-3).⁵⁶

Em 1934, foi Cunha Dias quem convenceu Pessoa a mudar o título do seu livro de poemas *Portugal*, depois publicado como *Mensagem*. Pessoa explicou que o fez “porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua melhor Dinastia” – prováveis alusões à Sapataria Portugal (ou à fábrica de calçado A Portugal)⁵⁷ e ao Hotel Avis. Aceitando a crítica, Pessoa optou depois pelo título *Mensagem*. O episódio é relatado numa nota dactilografada em que Pessoa afirma, a propósito do conselho que Cunha Dias lhe deu, ter prazer em ser vencido “quando quem me vence é a Razão, seja quem for o seu procurador ocasional”, numa alusão ao desequilíbrio psíquico do seu amigo. A nota é rematada com a afirmação: “O lugar onde exercia a sua profissão de lembrador era uma enfermaria do manicómio distrital de □” (BNP/E3, 125A-25; cf. Pessoa, 1979a: 179).⁵⁸

⁵⁵ Aqui reproduzidos nas Imagens 17, 18 e 19. Sobre o que são “questões horárias”, ver Fernando Pessoa, *Cartas Astrológicas* (2011: 190-192).

⁵⁶ Reproduzido na Imagem 20.

⁵⁷ *Vd.* Pizarro, Ferrari e Cardillo (2010: 424).

⁵⁸ Ver aqui a Imagem 21.

Por volta de 1934-1935, Cunha Dias mostrou a Fernando Pessoa umas cartas de amor e uns textos esparsos ou “poemas em prosa” que o seu amigo, depois de os ler, lhe terá incitado a publicar. Cunha Dias diz em *Outono* que o autor desses textos e cartas foi um tal Lopo Pereira da Cunha, seu suposto amigo íntimo desde os tempos de estudante em Coimbra, onde teria sido um dos 160 “intransigentes” da greve académica de 1907. Não consta, porém, tal nome da lista dos “intransigentes”, nem sequer da lista dos alunos da Universidade de Coimbra naqueles anos, embora dela constem os de Alberto da Cunha Dias e Virgílio Correia, que, segundo o autor de *Outono*, foram colegas do hipotético Lopo e seus alegados co-locatários numa residência coimbrã. Não parece restar dúvida de que esses textos e cartas são do próprio Cunha Dias, que também usava o nome Pereira e tinha, aliás, um filho de nome Lopo. O imaginário Lopo Pereira da Cunha teria tido uma paixão por uma mulher casada e, para se afastar dela, teria partido para Angola em 1933, onde teria morrido em 1935. As referidas cartas e os esparsos em prosa poética teriam sido confiados por Lopo, à partida para África, ao seu amigo Cunha Dias (que, como atrás se disse, esteve em África em 1928, não se sabe se para fugir de alguma mulher). Fernando Pessoa insistiu em 1935 com Cunha Dias para que publicasse aqueles textos precedidos de uma apresentação. Para o incitar a adiantar a obra, Pessoa publicou, de facto, no suplemento literário do *Diário de Lisboa*, de 11 de Novembro de 1935, uma nota intitulada “Poesias de um prosador”, antecedendo a transcrição de alguns dos “esparsos” do suposto Lopo Pereira da Cunha, textos que, segundo diz, o seu amigo Da Cunha Dias lhe facultara. Tratava-se, segundo Pessoa, de “curiosos poemas em prosa”. Curiosos porque, escreve, “não simula a prosa o movimento do verso, como na chamada prosa ritmada” e também por se filiarem “a seu modo” na “mais antiga e mais portuguesa das nossas tradições literárias – o lirismo cavalheiresco, com a sua ternura viril e o seu desprendimento interessado”.

O livro em que esses textos deveriam ser incluídos, originalmente intitulado *Amor de Outono*, estaria para sair em Janeiro de 1936, segundo refere Fernando Pessoa. Diga-se que essa nota é, aparentemente, o último texto que Pessoa publicou em vida, se bem que no número 3 da revista *Sudoeste* (Novembro de 1935) foram publicados outros três textos de Pessoa, talvez anteriores a este. O livro *Outono* (e já não *Amor de Outono*), da autoria de Da Cunha Dias, apresentando e incluindo, na parte final, as cartas e os esparsos do suposto Lopo Pereira da Cunha, só foi publicado em 1944, com uma estrutura não totalmente conforme aos conselhos dados por Pessoa em 1935. A nota que Pessoa publicara no *Diário de Lisboa* vem também reproduzida no livro, como que apoiando a sua edição.

Outono, transparentemente baseado na vida, amores e desamores do próprio Cunha Dias é um livro confuso, com uma história de amor de trama incipiente e vulgar, inspirada aparentemente na “trapalhada que sempre foi a minha vida de família” (um desabafo do autor feito no próprio livro). A obra não é desprovida de

interesse memorialístico, contendo alusões a factos e pessoas do tempo do autor. Literariamente, a invenção do *alter-ego* Lopo Pereira da Cunha é talvez o aspecto mais curioso da obra, mas esse desdobramento da sua personalidade é inabilmente explorado na narrativa da suposta relação de amizade entre Cunha Dias e o seu duplo. A promoção por Pessoa dos “poemas em prosa” de Cunha Dias reflecte, porventura, alguma benevolência para com o seu velho amigo, desequilibrado e infeliz.

Deve aqui dizer-se que existe no espólio pessoano, sob a cota 94, um conjunto de textos dactilografados qualificáveis como poemas em prosa, usando uma ortografia diferente da usual em Pessoa, cuja autoria não foi até hoje estabelecida. São pelo menos 42 textos (BNP/E3, 94-5, 94-17 a 63 e 94-66 a 73), cerca de uma dúzia dos quais com traduções para inglês, feitas certamente por Fernando Pessoa (nas Imagens 22 a 26 reproduzem-se dois desses poemas em verso, com a respectiva tradução). Embora os estudiosos e editores da poesia de Pessoa tenham recusado, justificadamente, a autoria pessoana desse conjunto de textos, que um abismo separa temática e esteticamente da obra do poeta, permaneceu o mistério sobre a sua autoria. Comparando-os, todavia, com os “poemas em prosa” de Lopo Pereira da Cunha, aliás Alberto da Cunha Dias, publicados por Pessoa em 1935 no *Diário de Lisboa*, as semelhanças são tão flagrantes que, sem grande hesitação, se poderá atribuir a autoria desse núcleo a Cunha Dias.

Também no livro *Outono*, Cunha Dias transcreve a dado passo um soneto de Ângelo de Lima, um louco internado em Rilhafoles, de quem o *Orpheu* n.º 2 revelara já em 1915 alguns poemas inéditos. Um “belo soneto” em que “um louco descreve a própria loucura” – comenta Cunha Dias. Ora esse soneto tinha sido publicado por Fernando Pessoa em Novembro de 1935, no n.º 3 de *Sudoeste*, dizendo sobre ele na nota “Nós os de *Orpheu*”, publicada no mesmo número: “[...] aquele extraordinário soneto – dos maiores da língua portuguesa – em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu”.

Alberto da Cunha Dias morreu em 12 de Junho de 1947, com 61 anos. “Enfermo há bastante tempo, o último período da sua existência foi o desfecho de uma vida agitada e inquieta”, lê-se no necrológio que o vespertino *Diário de Lisboa* publicou no próprio dia da sua morte, salientando essencialmente, na vida de Cunha Dias, a sua actividade de polemista político e a exuberância da sua personalidade.

Pretendeu-se com este estudo sobre o relacionamento de Fernando Pessoa e Alberto Cunha Dias ir tão longe quanto o permitiam os dados disponíveis, produtos colaterais, algumas vezes, de outras pesquisas feitas ao longo de anos no espólio do escritor, inclusive por outros investigadores.⁵⁹ Apesar de esforços feitos junto de descendentes de Cunha Dias, não foi ainda possível angariar novas

⁵⁹ Deve mencionar-se aqui o nome de Jerónimo Pizarro, pelas informações cedidas a esta pesquisa.

informações sobre ele, nem localizar eventuais cartas de Fernando Pessoa (de uma há certeza de que foi escrita e enviada, de outras apenas indícios) que possam ter sido conservadas pelos herdeiros. Também o labiríntico espólio de Pessoa pode reservar, com tempo, novas descobertas a este respeito.

Não teve um efeito dissuasor deste estudo o facto de o nome de Alberto da Cunha Dias não se ter perpetuado na literatura ou em qualquer ramo da história portuguesa da primeira metade do século XX. Vagos ecos da sua luta pessoal, algo quixotesca, contra reais ou supostas arbitrariedades da instituição psiquiátrica, bem como algumas peças amarelecidas das suas obsessivas campanhas contra a Maçonaria e a corrupção na 1.^a República – é tudo quanto dele parece restar num recanto da memória dessa época. Mais do que a vida ou a obra de Cunha Dias, mais até do que o mero facto da amizade que o ligou ao maior escritor português seu contemporâneo, o que motivou esta pesquisa foi o que ela pudesse proporcionar de novos conhecimentos sobre Fernando Pessoa e o ambiente humano, social, cultural e político em que viveu.

Poesias dum prosador

O meu velho amigo Da Cunha Dias let-me há uma semana—ou, melhor, em parte let-me e em parte me narrou—o seu livro *Amor de Outono*, a saber, creio, em breve, em janeiro, sendo todavia precedido de um outro, no prelo, de índole épica, intitulado *As Correr da Pena*.

Esse livro *Amor de Outono* é a narrativa—ou, antes, a exposição—de um episódio da vida de Lopo Pereira Da Cunha, que se dizia primo do Da Cunha Dias—parentesco que este não assegura,—que foi um dos espiritos mar-cantes da geração chamada «de 1907» (do ano da greve acadêmica em que se definiu), que partiu há dois anos para o Cazengo e que ali morreu há meses. São desse Lopo Pereira Da Cunha as duas últimas partes do li-vro—umas *Cartas a Branca* que for-mam a segunda parte, e uns esparços, em prosa que deveria ser verso, que constituem a terceira. A primeira parte do livro é do Da Cunha Dias; narra isto mesmo desenvolvidamente, his-tória o encontro com Lopo Da Cunha, em vésperas de partida, quando este confiou a seu primo cses escritos, e explica que o em que tudo isto se fun-da (e de si o título do livro) foi um

caso passado no outono, poucos meses antes do janeiro em que Lopo da Cunha embarcou para África.

Estas considerações não servem mais que de moldura ao pequeno quadro constituído pelos trechos que hoje se publicam; eles, compreensíveis e apre-ciáveis em si mesmos, dispensam ex-plicação propriamente literaria. Es-ses trechos curiosos são extraídos—diga-se excusadamente—da terceira parte do livro a que me tenho referido.

São curiosos porque são poemas es-critos em prosa sem que a prosa si-mule o movimento do poema, como na chamada prosa ritmada. São es-critos, evidentemente, por alguém que ou era orador, ou o deveria ser, visto que, ao passo que a prosa ritmada trás em si mesma um acompanhamen-to de musica, nesta se sente a voz de-sacompanhada, vivendo da sua pró-pria vida.

São curiosos, ainda, porque apelam, em seu modo, para a mais antiga e a mais portuguesa das nossas tradições literarias—o lirismo cavalheresco, com a sua ternura viril e o seu desprende-mento interessado.

FERNANDO PESSOA

Amor de outono

Triste sina esta minha, quero bem a quem me mata!...

Não eram os Céus propícios nessa hora em que nasci:

Foi-me triste a mocidade, traz-me a vida desfavor, tem sido vã a for-tuna...

E é-me a sorte tão mofoza, que para minha desventura quero bem a quem me mata!

■ ■ ■

Vai começado novembro. Uma ro-meira garrida viceja a um canto do jardim, junto ao muro, e as romãs carminam-se festivas.

Perpassa no ar frio um sopro agres-te do Norte, agitando a pequena ar-vore, e as romãs balouçam alegres.

No chão folhas mortas, que o vento remove sobre os vestolhos da terra sêca; em volta troncos nus.

Floresce a romeira pelos fins do ve-rão, e frutifica no outono, e os bapoz das romãs, sumarentos e frescos, tin-gem-se do rubro ardente das grava-das, quando a terra, esculpada pela estiagem, se fende, abrindo labios se-quiotos.

Tambem floriram no verão as es-peranças do meu amor, mas logo as desfolharam os ventos do outono, e são este saudoso desalento, esta an-gustiosa melancolia, que me entorpecê a vontade, e me enleia e me domina.

Dize-me, romeira, como vicijas na terra ressequida, como sorbes a seiva fresca dos bapoz dos teus frutos na sede das raizes?

Romeira garrida!, despenda-me o misterio do segredo da frescura e da cor, e da vida, e da esperança...

■ ■ ■

Dizeste-me, Amor, um dia, que não vivas bem alojada por causa da vi-sinhança.

Tenho here moradia, quatro salas espaçosas, que é grande o meu cora-ção.

—Porque não vens viver aqui? E' casa bem afamada. Nela vivem um casal de gente moça, simpática—o Contentamento e a Alegria.

O rapaz composto e grave, mas a pequena viva, travessa, vinha muito á janela, mostrava-s em demasia.

E a patija da Desgraça, essa velha alcoviteira, que nunca me olha a di-reito, desencantou a rapariga.

O rapaz ficou sózinho, um pouco triste, mais grave.

Arranjou novos amores, e ha dias partiu, sem mais...

Está livre o meu coração. E' mora-dia capaz, resguardada no meu pei-to: (—Não tenhas medo aos ladrões!).

—Porque não vens viver aqui?

Não pagas renda nenhuma. Ofe-roço-te os meus serviços, e não peço ou-tra soldada, que não seja vêr-te feliz.

—Por que não vens viver aqui, den-tro do meu coração?

■ ■ ■

Vento do Norte, que vens apressado, que novas me trazes do meu Amor?

—(Figura distinta, donaire no porte, gracil o andar, e tem cabelos loiros...)

Vento do Norte, que sopras violento, e espalhas um frio gelado, cortante.

Ela é franzina, delgada, mimosa...

Modera-te um pouco, não sopres as-sim!

Vento do Norte, que ralthas convul-so em noite tão escura!

E balouçam as arvores, ramalham plangetes os troncos robustos...

Ela é delicada, é leve o seu sono, e sonha, talvez!

Não a despertes, soc-za, cuidado...

Modera-te um pouco, não ralthes as-sim!

DA CUNHA DIAS

Fig. 20. O último escrito de Fernando Pessoa publicado em vida, junto com as poesias em prosa de Da Cunha Dias (*D.L.*, 11 de Novembro de 1935).

Apêndices

1. BNP/ E3, 90²-102^{r.v.}. [Folha de bloco manuscrita a tinta dos dois lados, do punho de Alberto da Cunha Dias, contendo uma lista de acontecimentos da sua vida, entre 1914 e 1929, presumivelmente destinada a tratamento astrológico por Fernando Pessoa. Curiosamente, não inclui a libertação do autor em 1 de Novembro de 1916. Não inclui o livro de 1930 *A Maçonaria em Portugal*. Data conjecturada: 1929.]

- | | |
|--|---|
| - Acto de D[irei]to Internacional | - Nov.º de 1914. |
| - Casamento | - 24 Nov.º 1914 |
| - Nascimento Nuno | - 26 Março 1915 |
| - Formatura | - Julho – 1915 |
| - Sequestro | - 8 Agosto – 1916 |
| - Fuga | - 1 de Outubro |
| - <i>Sobre um Decreto</i> | - Campanha - Março 1917 |
| | - Livro - 1918 |
| - <i>Um Lance</i> | - Campanha - Fev.º Março 1918 |
| | - Livro - Nov.º 1919 |
| - Edições Delta | - 1921 – Regresso a Sintra no Natal e ao Fôro |
| - Palmira | - 7 Março de 1922 |
| - Lopo | - 4 Junho de 1923 |
| - <i>Sobre um Decreto</i> ^a | - 18 de Setembro 1924 |
| | - Nascimento do Telo |
| - 14 de Novembro de 1925 | - Nasci[men]to Guida |
| - <i>Sobre um Decreto</i> ^b | - 1925 |
| - Nascimento Vasco | - 15 Fev.º de 1927 |
| - Morte de meu Pai | - Abril Maio |
| - <i>Imparcial</i> | - 1927 |
| - Ida p[ar]a Africa | - 3 de Maio 1928 |
| - Morte da Palmira | - 12 de Julho [19]28 |
| - Regresso | - 3 de Agosto [19]28 |
| - 1.ª ruptura com minha Mai | |
| - Morte da Guida | - 15 de Dezembro 1928 |
| - Campanha Maçonaria | - 2 a 4 de Abril de 1929 |

Notas

^a Trata-se de um equívoco. O livro *Sobre um Decreto* é de Março de 1917; na data aqui indicada, 18 de Setembro de 1924, Cunha Dias publicou no diário *A Batalha* o primeiro dos seus artigos sobre o alegado “desfalque do tesouro”, intitulado “Rego Chaves – O desfalque de um milhão de libras do tesouro público – Palavras claras sobre um caso escuro”.

^b Novamente um equívoco. Em 1925 foi publicado o livro *o Desfalque do Tesouro*, com os artigos de 1924 publicados na *Batalha*.

2. BNP/E3, 121-2^v [Notas sobre delírio paranóico e delírio de ciúme, tomadas por Fernando Pessoa do livro de Júlio de Matos *Elementos de Psychiatria* (1911), manuscritas a lápis em duas colunas, no verso de uma cópia dactilografada do poema “Gladio”, dedicado a Alberto da Cunha Dias, datável de 1916. Publicado pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., t. II, p. 652.]

Só são paranoicos os delirios com:

1. *Systematização progressiva*

aplicação das idéas delirantes como meio interpretativo.

2. *Egocentricidade dos conceitos.*

As idéas delirantes traduzem ou reflectem uma hypertrophia da personalidade.

3. *Primitividade dos conceitos.*

– As idéas delirantes são o 1^a symptoma.

4. *Contingencia e secundaridade das allucinações.*

– Podem faltar, e, quando existem, derivam de idéas delirantes.

5. *Ausencia de senso critico.*

6. *Não contraste entre o delirio e a anterior modalidade psychica do delirante.*

7. *Não terminação pela demencia.*

*Elementos*⁶⁰ de *Psychiatria* – J[ulio] de M[attos]

Delirio de ciúme – p. 582-584.

from p. 539 (Paranoia) em deante.

Demencia precoce

anesthesia affectiva

descontinuidade entre o pensamento e a acção

Cf. Almada Negreiros (myself?)

Yes

No

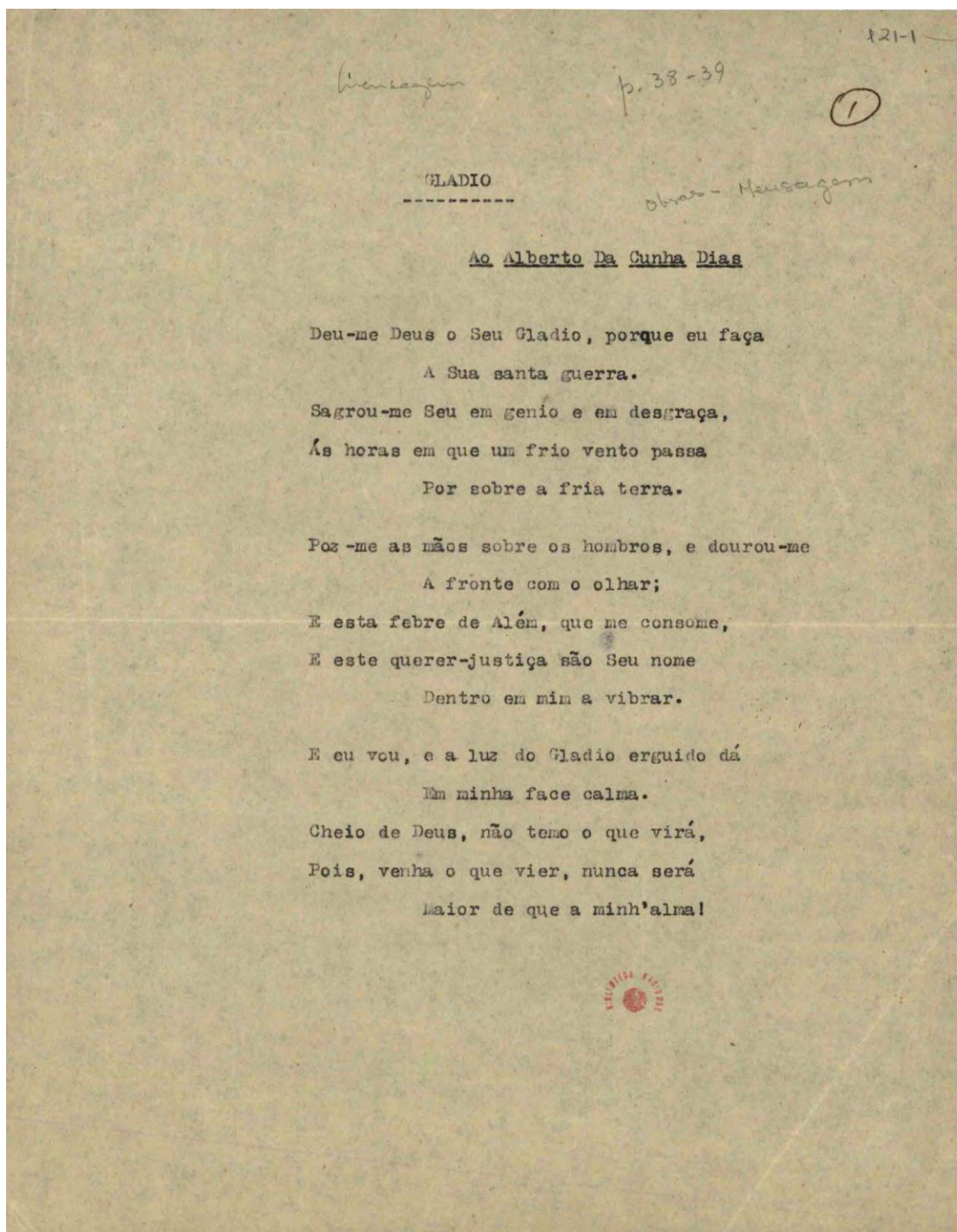
only *psychastenia*

⁶⁰ <Manual> [↑ *Elementos*]

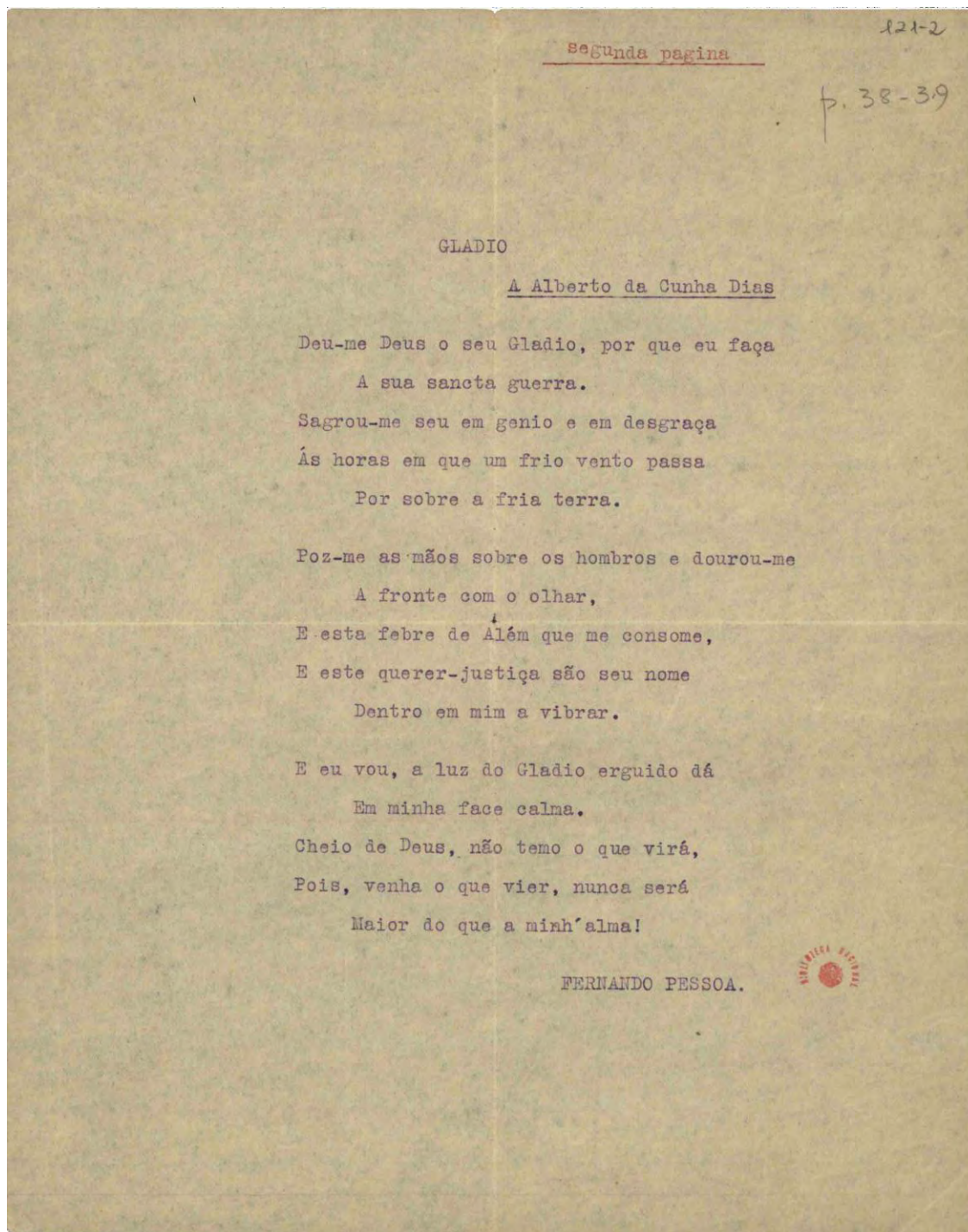
Bibliografia

- Anuario da Universidade de Coimbra* (1908-1909). Coimbra: Imprensa da Universidade. Anos lectivos de 1907-1908 e 1908-1909.
- ALMEIDA, Luís Pedro Moitinho de (1985). *Fernando Pessoa no Cinquentenário da sua Morte*. Coimbra: Coimbra Editora.
- BARRETO, José (2009). “Pessoa e Fátima: a propósito dos escritos pessoanos sobre catolicismo e política”, in *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*, Jerónimo Pizarro (org.). Alfragide: Texto Editores.
- CAVALCANTI, José Paulo (2011). *Fernando Pessoa: Uma Quase Autobiografia*. Rio de Janeiro: Record.
- CEBOLA, Luís (1958). *Memórias de Este e do Outro Mundo*. Lisboa: Gráfica Scarpa. 2.^a ed.; 1.^a ed. 1957.
- DIAS, [Alberto] Da Cunha (1945). *Cartas de um Português*. Lisboa: Pro Domo.
- ____ (1944). *Outono*. Lisboa: Delta.
- ____ (1941). *Nos Bastidores*. Lisboa: Delta.
- ____ (1941). *Páginas de Arquivo*. Lisboa: Delta.
- ____ (1939). *Racistas e Internacionais*. Lisboa: Delta.
- ____ (1936). *A Maçonaria e o Exército*. Lisboa: Delta.
- ____ (1936). *Nação, Família, Corporação*. Lisboa: Delta.
- ____ (1934). *Palavras aos Hereges*. Lisboa: Delta.
- ____ (1933). *História da Velha Feia-Má*. Lisboa: Delta.
- ____ (1932). *Conservas de Peixe: subsídios para o estudo de um problema nacional*. Lisboa: Delta.
- ____ (1930). *A Maçonaria em Portugal*. Lisboa: Delta.
- ____ (1925). *O Desfalque do Tesouro: factos e comentários à administração pública*. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.
- ____ (1920) (ed. lit.). *Memórias de Ruy Pereira*. Lisboa: Paulo Guedes & Saraiva.
- ____ (1919). *Um Lance*. Coimbra: França e Arménio (depositários).
- ____ (1918). *Sobre um Decreto: uma campanha jornalística*. Lisboa: Lamas, Motta e C.^a.
- FIGUEIREDO, Vivina C. (2009). “Fortuna literária de Edgar Allan Poe traduzido em Portugal”, in *Cadernos de Tradução*, vol. 2, n.º 24, UFSC.
- FRANÇA, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- GATO, Margarida Vale de (2005). “Edgar Allan Poe in Portuguese: a case-study of ‘bugs’ in translated texts”, in Ana Luísa Amaral et alia, *Estudos em Homenagem a Margarida Losa*. Porto: FLUP.
- LEMOS, Mário Matos e (2006). *Jornais Diários Portugueses do Século XX – Um Dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora | CEIS20.
- MARTINS, Francisco Cabral (2008) (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho..
- Orpheu* 3 (1984). Edição de Arnaldo Saraiva. Lisboa: Edições Ática.
- PESSOA, Fernando (2011a). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição e posfácio de José Barreto. Lisboa: Ática.
- ____ (2011b). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso, em colaboração com Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM.
- ____ (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM. 2 tomos.
- ____ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

- ____ (1998a). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1998b). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição de Enrico Martines. Lisboa: INCM.
- ____ (1979a). *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- ____ (1979b). *Da República*. Organização de Joel Serrão, Lisboa: Ática.
- ____ (1923). *Sobre um Manifesto de Estudantes*. Folha volante, Typ. do Anuario Commercial.
- PIZARRO, Jerónimo (2009) (org). *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Alfragide: Dom Quixote. Acervo Casa Fernando Pessoa, vol. I.
- PRISTA, Luís (2001). "Pessoa e o Curso Superior de Letras", in *Memória dos Afectos: homenagem da cultura portuguesa ao Prof. Giuseppe Tavani*. Lisboa: Edições Colibri.
- RIBEIRO, Henrique Pereira (1916). *Factos e Não Palavras: o sequestro do Dr. Da Cunha Dias*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial.
- XAVIER, Alberto (1962). *História da Greve Académica de 1907*. Coimbra: Coimbra Editora.



1. Dactiloscrito do poema "Gladio" dedicado a Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 121-1).




2. Outra versão do poema "Gladio", assinado e dedicado a Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 121-2).

E3/90^o - 102

- Rio de Janeiro Internacional - nov. 1914
- Casamento ————— 24 nov. 1914
- Nascimento Nuno ————— 26 maio 1915
- Formatura ————— julho — 1915
- De mestre ————— 8 agosto — 1916
- Fuga ————— 1 de outubro
- Sobre o Decreto — (Campanha - março 1917)
- Livro — 1918
- In Luce — { ^{ferro mano} Campanha — 1918
- Livro nov. 1919
- Coições Delta — 1921 — (Reproble a Jureta do Natal ao Fôro)
- Palmira — 7 março de 1922
- Lopo — 4 junho de 1923

3.1. O manuscrito de Cunha Dias existente no espólio de Pessoa, frente (BNP/E3, 90^o-102^o).



 - Sobre - Decreto - 18 de Setembro 1924
 - nascimento do Telo

 - 14 de Novembro de 1925 - univ. Guizé

 - Sobre - Decreto - 1925.

 - Vatinado Vano - 15 Fer. de 1927
 - morte de meu Pai - Abril
4 maio

 - Imperial - 1927

 - Lou p: Africa - 3 de maio 1928

 - morte de Palmira - 12 de julho 28
 - Regresso - 3 de Agosto 28
 - 1.ª ruptura com minha Mãe
 - morte de pai - 15 de Novembro 1928
 - (ampara honoreria - 24 de Abril de 1929)

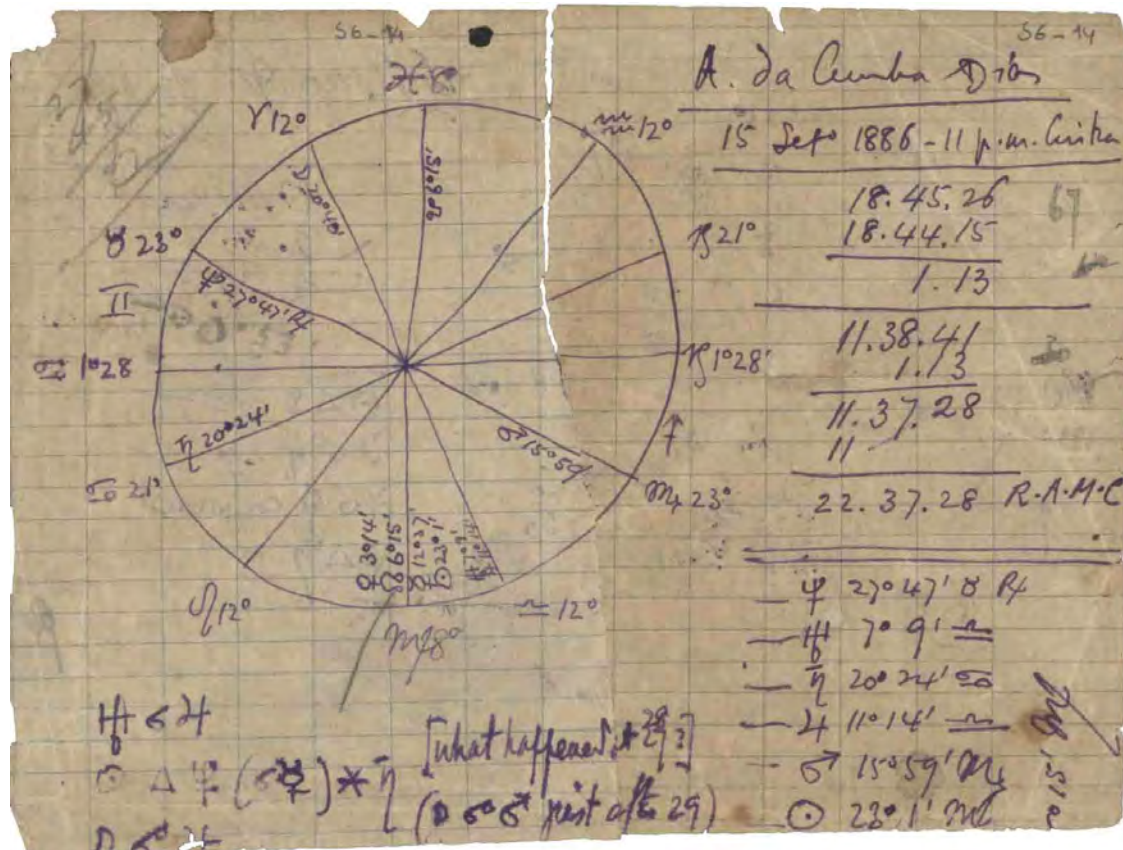
3.2. O manuscrito de Cunha Dias existente no espólio de Pessoa, verso (BNP/E3, 90²-102^v).

12 | 6 | 12

Cartas a escrever.

~~Petroni. - suas lembranças.~~
 Raul - Lusaanne.
 Cunha Dias - and about his mother.
 Alvaro Pinto - e Mamiheira.
 Jacira Pulido - e his book
 (Frank x Carl Palmer).

4. Excerto de um memorando de Pessoa, datável de 1914, com “cartas a escrever”, entre elas uma a “Cunha Dias – and about his mother” (BNP/E3, 16A-50^o).



5. Horóscopo de Alberto da Cunha Dias por Fernando Pessoa, datável de 1915 (BNP/E3, S6-14^o).

56-22

Prejeção Solar

A. da Cunha Dias . Anos 29.

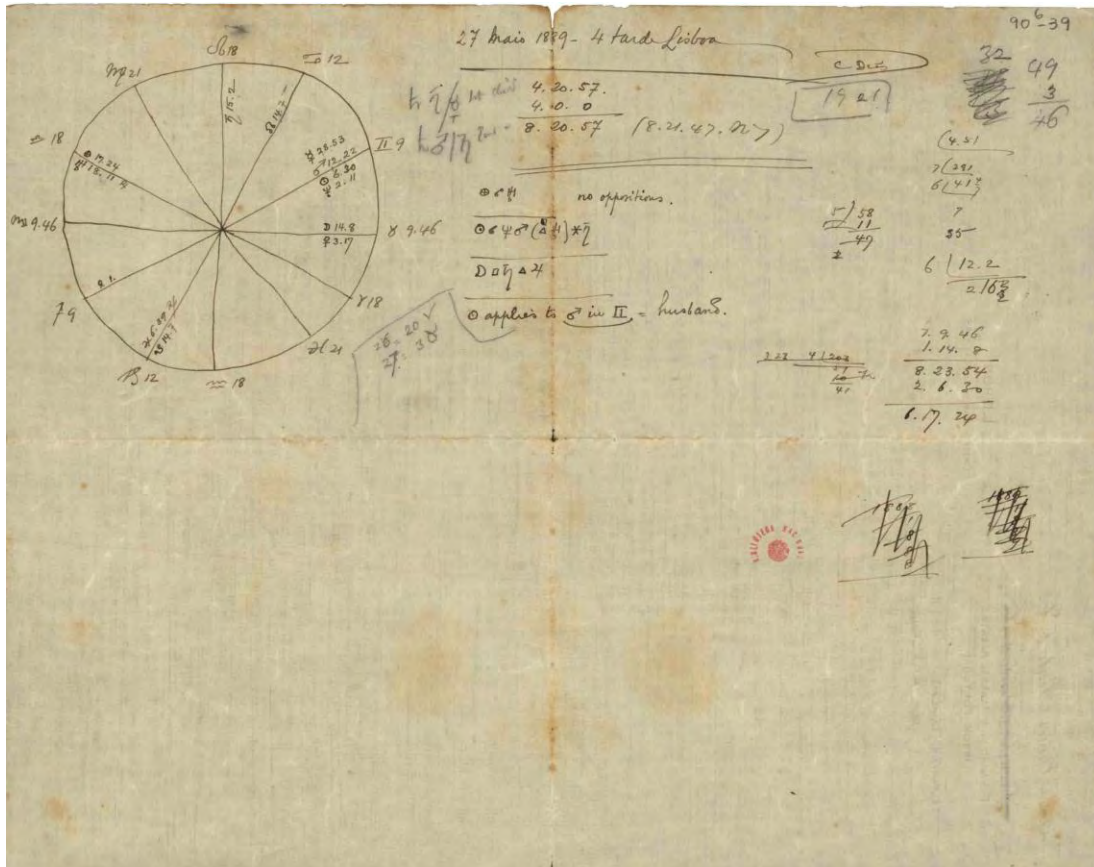
pro. \odot \oslash Δ rad = 27. } simultaneos. Δ nuber 1+2
 pro. \odot $\bar{\eta}$ rad = 27. } $\bar{\eta}$ " 7+8

pro. Δ approaching \oslash \oslash

A lunação de Novembro 1915 cabe em 140° Δ
 a pequena distancia de \oslash rad., que está
 a $15059'$ de Δ . Isto pode significar a
 realização de Δ \oslash rad \oslash , ou pode signifi-
 car a effectivação de $\bar{\eta}$ Δ \oslash , visto que
 o lugar de $\bar{\eta}$ acaba de ser transitado por \oslash ,
 que $\bar{\eta}$ está alli perto, e a conjunção
 de $\bar{\eta}$ e \oslash , de 11 de setembro, não cabe
 longe do lugar radial de $\bar{\eta}$.

Ans 29 a pro Δ \oslash \oslash - 3^m antes Δ \oslash
 nos 7 meses depois Δ \odot

7. Análise do mapa astrológico de Cunha Dias por Pessoa em 1915 (BNP/E3, S6-22r).



8. Horóscopo de Irene Rato da Cunha, presumido pela data de nascimento, "27 Maio 1889", e pela anotação junta "C. Dias", datável de 1915-1916 (BNP/E3, 90⁶-39^r).

90461

Mário de Sá-Carneiro.

$\begin{array}{r} 30 \\ 80 \\ 9 \\ \hline 50 \\ 170 \end{array}$	$\begin{array}{c} 9 \\ \hline 91 \end{array}$	$\begin{array}{r} 90 \\ 1 \\ \hline 91 \\ 80 \\ 40 \\ 5 \\ 9 \\ 80 \\ 50 \\ \hline 268 \end{array}$
--	---	---

$170 + 9 + 91 + 268 = 538 + 43 = 581$

c { 500 = election, honneurs, status.
81 = Beaux-arts, culture intellectuelle.

a { 500 = election, etc.
38 = imperfection, avarice, envie.

b - 43 = vicieuses et lepreux, apototat

Alberto da Cunha Dias.

$\begin{array}{r} 1 \\ 20 \\ 2 \\ 5 \\ 80 \\ 100 \\ 50 \\ \hline 258 \end{array}$	$\begin{array}{c} 4 \\ 1 \\ \hline 5 \end{array}$	$\begin{array}{r} 3 \\ 200 \\ 60 \\ 8 \\ 1 \\ \hline 252 \end{array}$	$\begin{array}{r} 4 \\ 9 \\ 1 \\ 20 \\ \hline 104 \end{array}$	$\begin{array}{r} 258 \\ 5 \\ 252 \\ 104 \\ \hline 619 \end{array}$
---	---	---	--	---

$a = 619 = \text{Victime de l'envie, rancune, catastrophe}$
 1 - Pessimisme, amertume, aigreur.
 9 - Imperfection et dévotion, peur, tristesse.

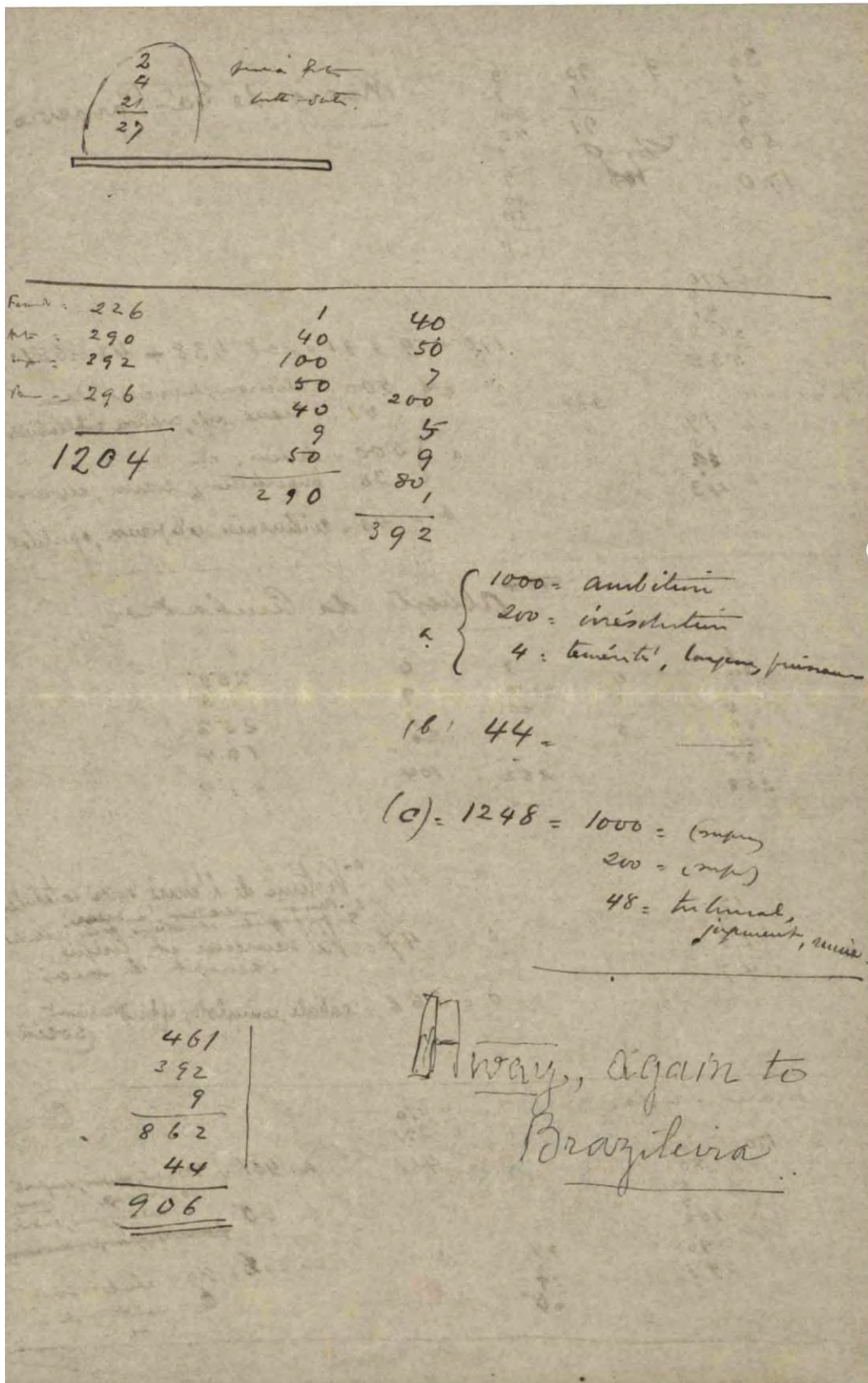
$b = 47 = \text{Vie heureuse et longue, exempté de soucis}$

$c = 666 = \text{cabale, complot, effondrement social}$

Mário Freitas

$\begin{array}{r} 170 \\ 6 \\ 80 \\ 5 \\ 9 \\ 100 \\ 1 \\ \hline 90 \\ 291 \end{array}$	$\begin{array}{r} 170 \\ 291 \\ \hline 461 \end{array}$	$\begin{array}{r} 24 \\ 2 \\ 19 \\ \hline 45 \end{array}$	$\begin{array}{r} a. 461 = 400 - \text{art, amour, empereur.} \\ 60 - \text{venezage} \\ b. 45 = 1 - \text{alt., pain, amour.} \\ c. 506 = 500 = \text{elect so} \\ 6 = \text{...} \end{array}$
---	---	---	---

9. Análise numerológica dos nomes de Mário de Sá-Carneiro, Alberto da Cunha Dias e Mário Freitas por Fernando Pessoa (BNP/E3, 90^a-61^o).



10. No verso da anterior, abaixo da linha separadora, a análise numerológica relativa a Fernando António Nogueira Pessoa: "ambition / irrésolution /témérité, largeur, puissance / tribunal, jugement, ruine."

1A/25 115^a-2

Meu caro Fernando Pessoa

Quando termina o tal jogo
 que aquele cavalleiro me atira?
 Quando acaba ele lá dos infinitos
 de me zurrir?


E v. ? Apanhou a tova?
 Serpento que deve ter o talvo:
 Eu por aqui estou com a con-
 fiada fi de que todos os equi-
 vocos se desfazem, e tudo tem
 seu fim.

Mas quando termina o tal transi-
 to?

E que he de novo?

Qual é o plano do Mariano?
 Eu não concordo!

Prosto justiça à honestidade



11.1. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 2 de Setembro de 1916, [p. 1] (BNP/E3, 115^a-2^a).

115²-2a

HOSPITAL DO CONDE DE FERREIRA
PORTO

amiga das intenções, mas
não concordo.

1) e certo o Mariano é a única
pessoa que procede honestamente
te neste caso.

Meu Pai:

Estou aqui melhor do que estava
antes. Não me entendia com a
melhor velhacaria dos Frades
Reveres! Eu aqui posso rece-
ber correspondência.

2) mande-me dizer q^{do} acabou,
uq^{do} o seu parecer antropológico,
(q^{do} se vende a letra, percebe?) o
meu captivo.

Diga-me como vai o Fr^{mo} Gonçes?
2) mande outra poesia do "Gla-
dio" O gladio é meu! V. deu-
ma: Aperto que não se lembra?

11.2. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 2 de Setembro de 1916, [p. 2] (BNP/E3, 115²-2a^r).

E não — enfileira à preta — vai
 pappar as barreiras do meu res-
 peto.

E ela, a mim:

"Deu-me Deus, o seu gesto
 porpe eu faço.
 A sua Santa guerra:
 Sagrou-me seu eu fuio e

E um abraço
 do teu amigo

2-11-916
 Porto

De
~~Cunha Dias~~

11.3. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 2 de Setembro de 1916, [p. 3] (BNP/E3, 115²-2a^v).

115²-6a ① ② 115²-6

Meu caro Fernando

Recebi a sua carta no dia 15, dia em que completei os meus trinta e seis anos: - - - - -

No meu quarto em Coimbra tinha sobre a porta, em caracteres romanos, a frase de Cato ao prelado em Utica ao anti-jenado: "Virtutem ex ore, Fortunam ex alio".

Eu parecia que esta frase escrita num dia, na minha estreita petulancia de garoto, se gravou no destino da minha vida inteira.

Para mim sempre as severas surras da Virtude, para os outros os faveis delicias da Fortune.

Mas obrigado pela sua carta, Fernando!

A minha pervicidade intima nunca se perdi, porque nunca a perdi. Sou mesmo como poderia ser mais alto, sem esforço, porque nasci assim.

Eu não acredito nunca no irreversível e decisivo do que me sucede. Ha muito de ser, como eu tido, muito de convicção que por sua vez um auto-sugestiva.

Deixe-me um dia e logo um a

12.1. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, pp. n. 1 e 2 (BNP/E3, 115²-6a e 6).

migo ⁴⁰¹mas afirmo que a vida de deus é horrivel, e nós repetimos que é horrivel. E a final uma manhã acordei e a - - - - - não do nada.

A pervicidade moral nunca a perdi. Faço-o sem esforço e por isso o digo. Não é um acto de vontade, é uma questão de instincto natural de defera.

Tenho ressignação: O que me falta, amigo, é resignação.

O deus não me deu resignação, e todo os dias sinto ganas de abir a cabeça ao medico para ver se o imbecil tem miolo lá dentro.

É um grande homem de ciencia de - - - - - um malto e retentor de altura.

Eu por cá estou, esperando que a ciencia decida.

As vezes não me deixo, chucko-o.

Ha um fraco da minha cela um longo corredor. Vouto dia o medico foi a minha cela, depois da visita, seguia pelo corredor e eu, contra as determinações de sua omnipotencia o sou regulamentar, segui atraz dele.

- O sr. onde vai?

- O sr. é medico?

- Parece que sim!?

- Vou a perseguir-lo!

O homem corou, e eu perseguir-lhe uma formidavel gargalhada.

12.2. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso das pp. n. 1 e 2 (BNP/E3, 115²-6a^v e 6^v).

115²7a ③

Porque não vi na V. já que o "aboliu-
linhas", num atestado que para aqui
então a firma por "sua honra", e
em apoio de "delírio de ciúme", e
de mania de perseguição, vendendo
medicinas que não tratam os meus
perseguidores. Ele não ouvida, afirma:
O "Aboliuhas",:

É lembrar-me a gente que uma
pae (abola, soprando e gemendo,
curvando sob a audácia do sol,
curvando como mais abona nos
mãos e orais) fundo resolveu a
requerer para que o batatado de-
re, o outro maior partitura, mais
batatado: É lembrança a gente,

115²7

que essa batatado, colida a mim
num grande esforço, se transfor-
mou — batatado da (civilização —
numa (aboliuhas, filho de seu pai
(abola, médico-cirurgião, que tem
respeito por si, e pelo suor do
pai, mas pelo lacrimejo, nem
pela esperança, vem dizer atre-
vidamente que eu, da (civilização
tanto a orania da perseguição:
oh corpo, oh suor paterno!
oh (aboliuhas, cabeça Sálho chocho!
É o delírio!
V. meu caro Fernando, não calcule
como o (aboliuhas é delirante!
Só V. o vive — (aboliuhas é devoto das

12.3. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, frente da fl. n. 3
(BNP/E3, 115²-7a e 7).

mas — mas na V. o vive em
pi no meu quanto (curvando sob
bra a canoa) recebendo um rolo
to que me deu "Pour mon
panache", ! — — — — —

Lá, meu caro Fernando, não tem
a honra, a subida honra, digamos,
— está lá o muito boa gente —
de fazer parte da minha festa
galéria de parvos. Vale para o que-
dro do tempo.

(aboliuhas não é parvo, não temo!
(aboliuhas é modesto! É na sua
modestia não pretende desta vez,
fica-se nos tempos.

(aboliuhas é simplesmente tempo:
(aboliuhas é tempo, e é pulha!

Só tempo e só mais pulha, que ca-
beça a minha, Fernando!
(aboliuhas não é só tempo, nem é
só pulha, é também médico-
cirurgião: É médico-cirurgião
e especialista em doenças orien-
taes: "Em casa de ferro espeto
de pau!"
oh corpo, oh suor paterno!
V. meu caro Fernando, não com-
prende, talvez, a diferença que
segundo a minha complexa sig-
nificação distingue e se para um
parvo, de um tempo. É não é uma
outra preocupação de systemati-
zar o que me leva a distinguir.
O parvo pode até ser tempo, po-

12.4. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso da fl. n. 3
(BNP/E3, 115²-7a^v e 7^v).

115²-8a (4)

vêm o tempo é sempre pouco,
 um tempo é um pouco burro,
 e de uma burrice inferior.

É falando por uma comparação:
 O tempo fica-a pela redondilha, o
 pouco pode ser satirizado em verso
 heroico, e alguns até, sem desonra,
 merecem um toaço.

(Compreendo V. Fernando?)
 (Compreendo porquê em aférrico ser
 o (aboluto) - (colega do Silva Tavares
 no culto dos amijos!) - tempo, o vel-
 gor tempo!

É não veja V. na minha última
 frase qual per ironia maldosa para
 o Silva Tavares. É'o meu feição, in-

115²-8

mente: Não foi muita interesse ter
 na frase despiçador para o Silva
 Tavares, embora o (aboluto) fique
 honrado da companhia:

É por amigos. não me fala V. na
 sua carta do nome amético a-
 amijo lusitano Jant'anna?

É o pobre do Jant'anna Jant'anna
 não arriba, de vel:

Mas o Luciano enviou do Taltal
 3 cartas por intermédio do (aboli-
 to), daqui, pelo menos, mais
 umas tres, e uade!

Tem V. visto o Luciano pelo "plano"
 de N. Z. de L.?

Não houve retenção e foi porquê

12.5. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, frente da fl. n. 4 (BNP/E3, 115²-8a e 8).

passaram, como não vêe passar extra-
 legalmente as barreiras do meu in-
 terramento. Do Taltal não sei:
 O (aboluto), pelo exposto, é ca-
 paz de tudo:

Geria o (aboluto) capaz de fi-
 car com as cartas e de, sangrando-
 se em fante como per no alébrado
 do de clavar que em vejo nos médi-
 os que me tratam persequidores,
 de

Duvido que se atrevesse, além de
 que o Jant'anna, conhecendo-me e
 sendo inteligente, não erio fidele
 fe, sem me ouvir, por qualquera
 fimação do (abola).

Mas porque não escreve, o Jant'anna?

Numa das cartas que me enviou dizia-me
 que estava sofrendo de megalomania.
 É que nos minutos alucinados me via
 dictar de Portugal. É não me acaite-
 vava nem planos de reforma, nem
 muito patrióticos e nacionais am-
 bições de "amirador". Que geria a
 ansinha dictadura para algum ganto
 seccião e firme christina a N. de Pa-
 to, por uns N. de J. Luciano dos
 exalecadas. Seria por isto?

O Luciano sempre foi comido, ser
 foi grosseiro comigo, e de quê

Duro-me muito e muito me pesou, por
 muito agraciado ter ser, até ao tanto
 silencio.

12.6. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso da fl. n. 4 (BNP/E3, 115²-8a^v e 8^v).

(5)

É esta a terceira vez que retorno a esta
 ta carta. e sempre me pergun-
 ta no papel e devora.

Mor, terminando, dá V. por mim abra-
 tos ao Sr. Ferreira Gomes, e ao Julio
 de Vilhena, e ao pequeno do Julio Teller e
 ao filha Tavaras.

É novamente me ao Manuel Vitor.

É, pelos exames, para o 49 (Campo Gran-
 de, emie um apêndice abraço ao
 Generalão!

É como lhe não partem as costas
 do pé, a breves dos espasmos, lhe en-
 rio um abraço que lhe estale os ossos.

É ainda outro, mais humano e um
 abraço do

21-15-916
 (oude-Ferreira)

Duas Cartas Dias

12.7. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, frente da fl. n. 5
 (BNP/E3, 1152-5v).

115²-5

P. S.

Relevo a carta.

Sei o "gladio" de cor.

Queria dizer, somente, que o gladio
 embora de tua autoria, é pro-
 priedade minha. É tua!


É então breve!

Breve é vago. Lá, oit. pareceu na
 pagina dos annos, (coincidência,
 apparencia) ou então senta ou se
 finge.

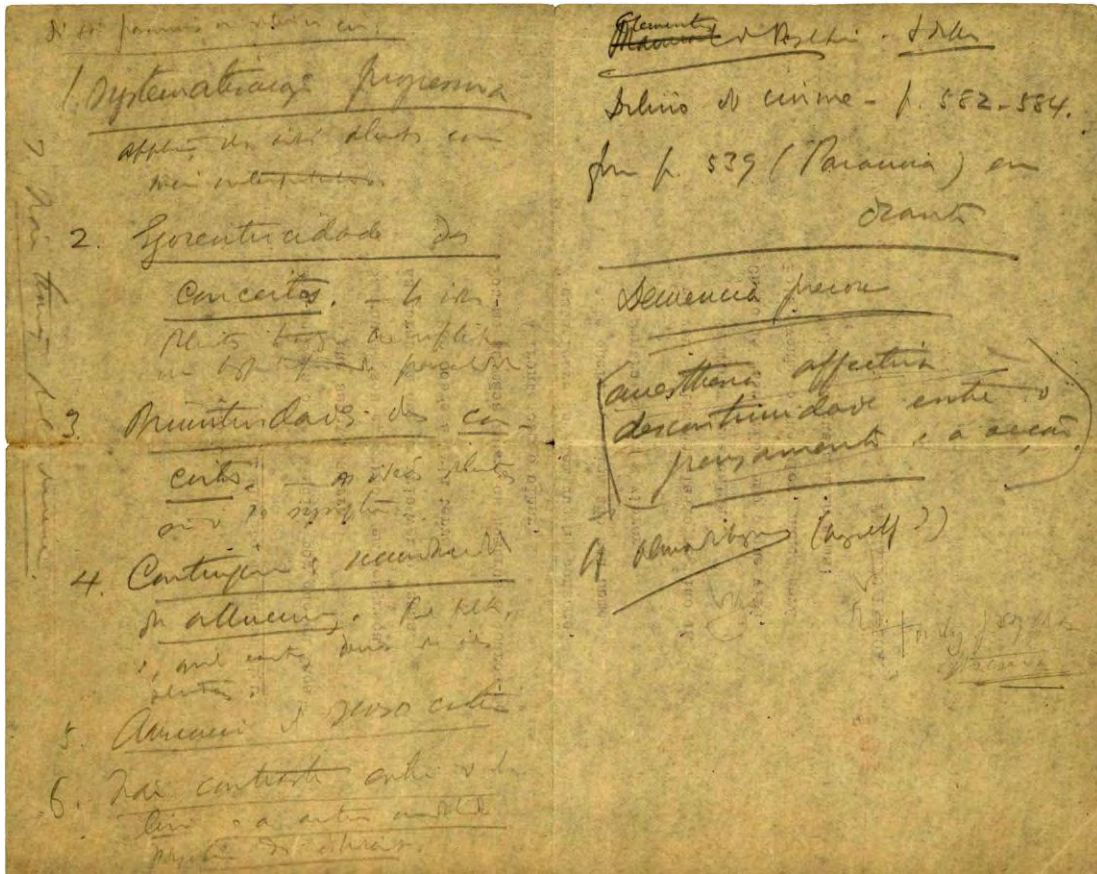
Breve, mas é tu demora!

É outro abraço

Cunha Dias



12.8. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso da fl. n. 5 (BNP/E3, 115²-5^r).



13. Notas de Pessoa, datáveis de 1916, sobre delírio paranóico e delírio de ciúme, citando livro de Júlio de Matos, manuscritas no verso de um dactiloscrito contendo o poema "Gladio" dedicado a Cunha Dias (BNP/E3, 121-2^v).

41A/43 90¹-55

Mercury and Neptune in semisquare by direction:
 (they are radically in this aspect)

pro. Mercury semisq. pro. Neptune ... 28th. May 1915 (a)
 pro. Mercury semisq. rad. Neptune ... 3rd. Novr. 1916 (b)
 pro. Mercury semisq. rad. Neptune ... 27th. April 1932 (c)
 pro. Mercury semisq. pro. Neptune ... 26th. Novr. 1933 (d)
 pro. Neptune semisq. rad. Mercury ... 18th. April 1961 (e)

(a) This measures to somewhere bound "Orpheu" and the other complications which occurred about the same time. The exact effect, however, will be the impulsive act in 6th. July 1915, in writing to the "Capital", and its consequences, since on that day Mars transited Neptune. The meaning, taken together with others afterwards, seems to be a disturbance of the magnetic or etheric sphere.

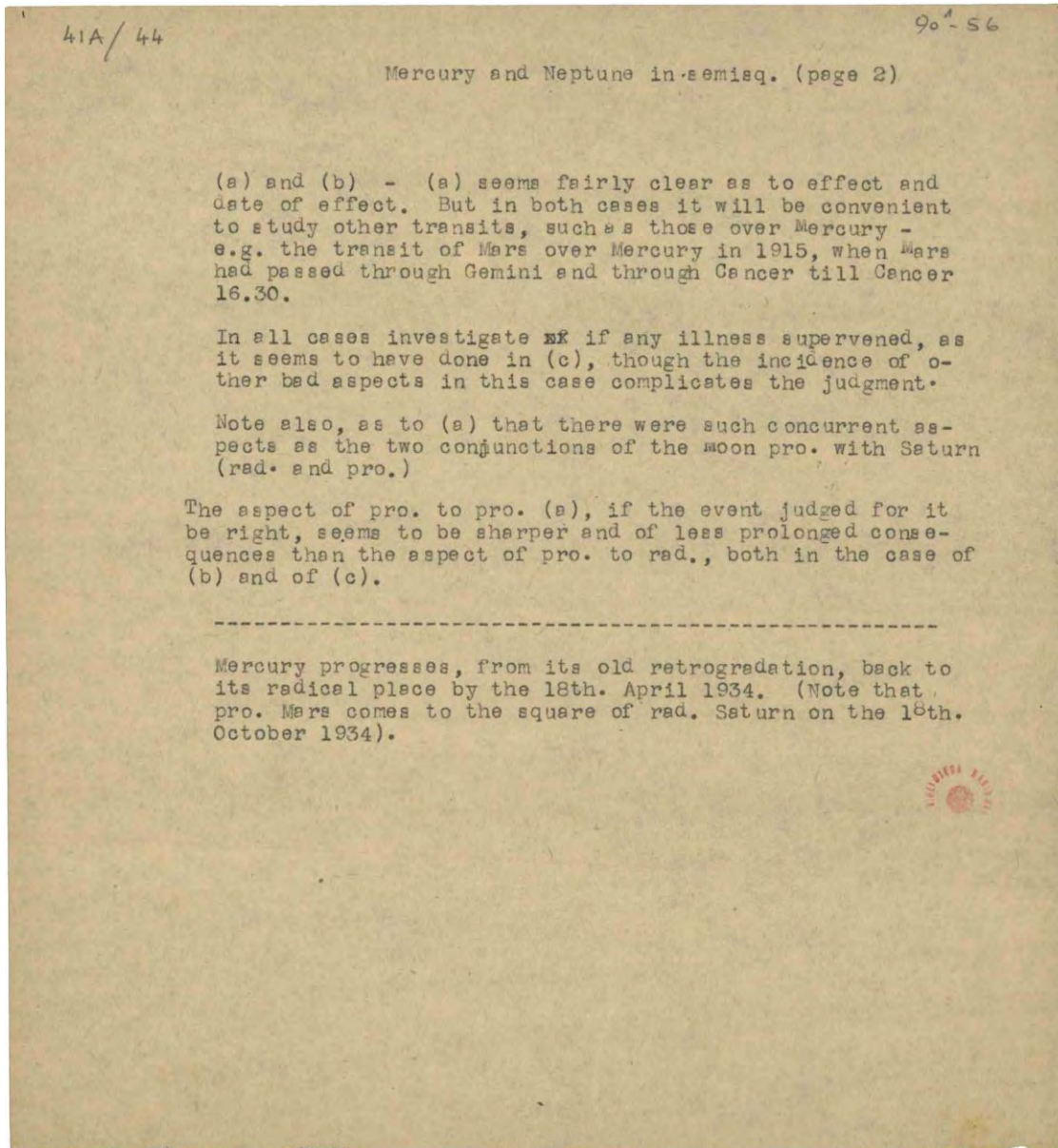
(b) This seems to measure to the time of CD's escape from the asylum and the consequent trouble (mental) from the complications arising therefrom. (Transits to be examined)

(c) The transit was on the 23rd. June 1932 and the frustrate syncope, or whatever it was, took place in exact coincidence with the transit (Mars on Neptune radical). Yet this did seem a strange phenomenon, not unlike some astral start, and certainly the result was very like an etheric trouble.

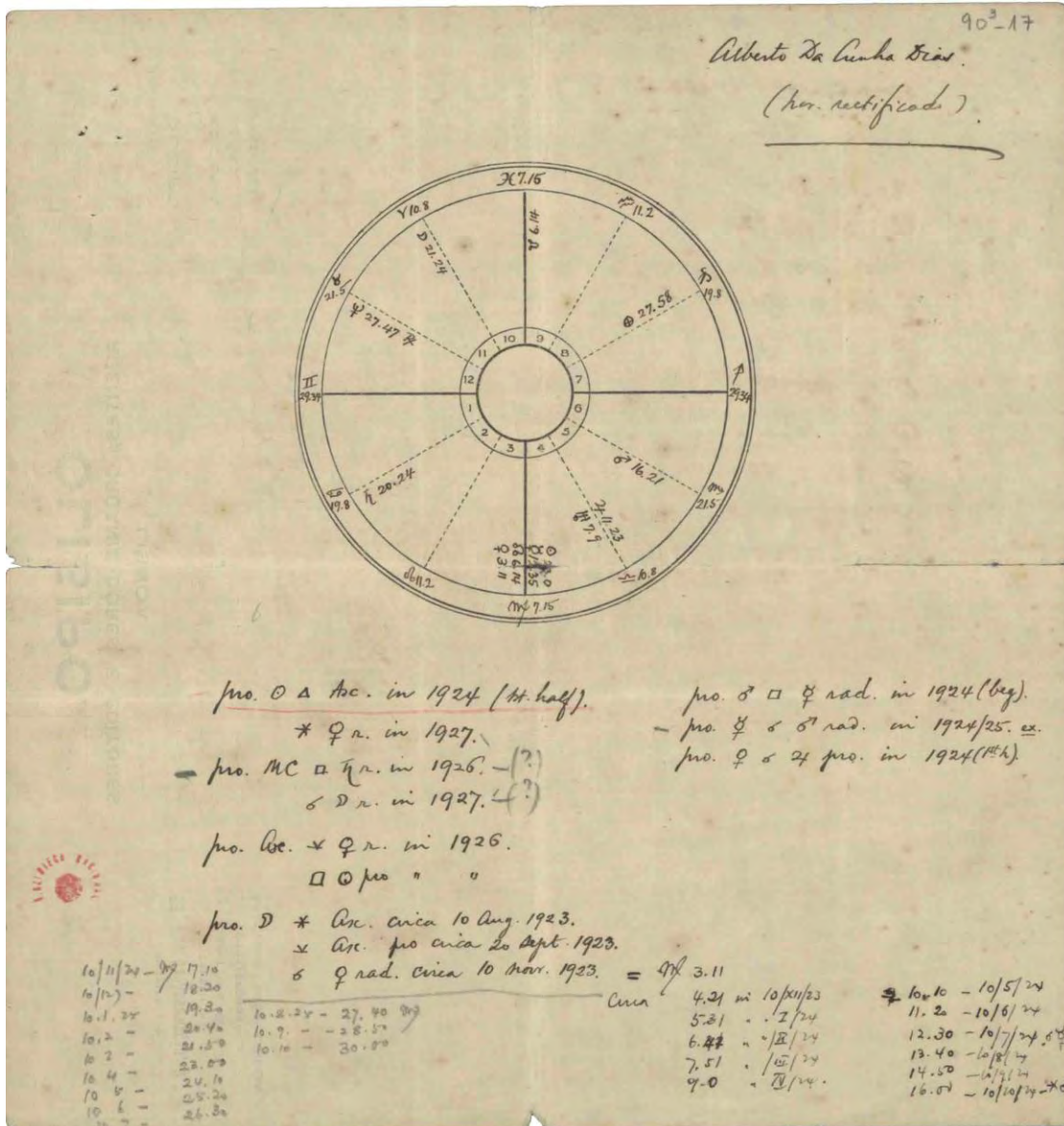
(d)

(e) This is if Mercury is in Cancer 17.18 and not 17.17. If the latter, then the aspect is three years earlier. But Neptune is so slow that, be one or other the exact position of Mercury, the aspect will surely only be located (so to speak), by transits.

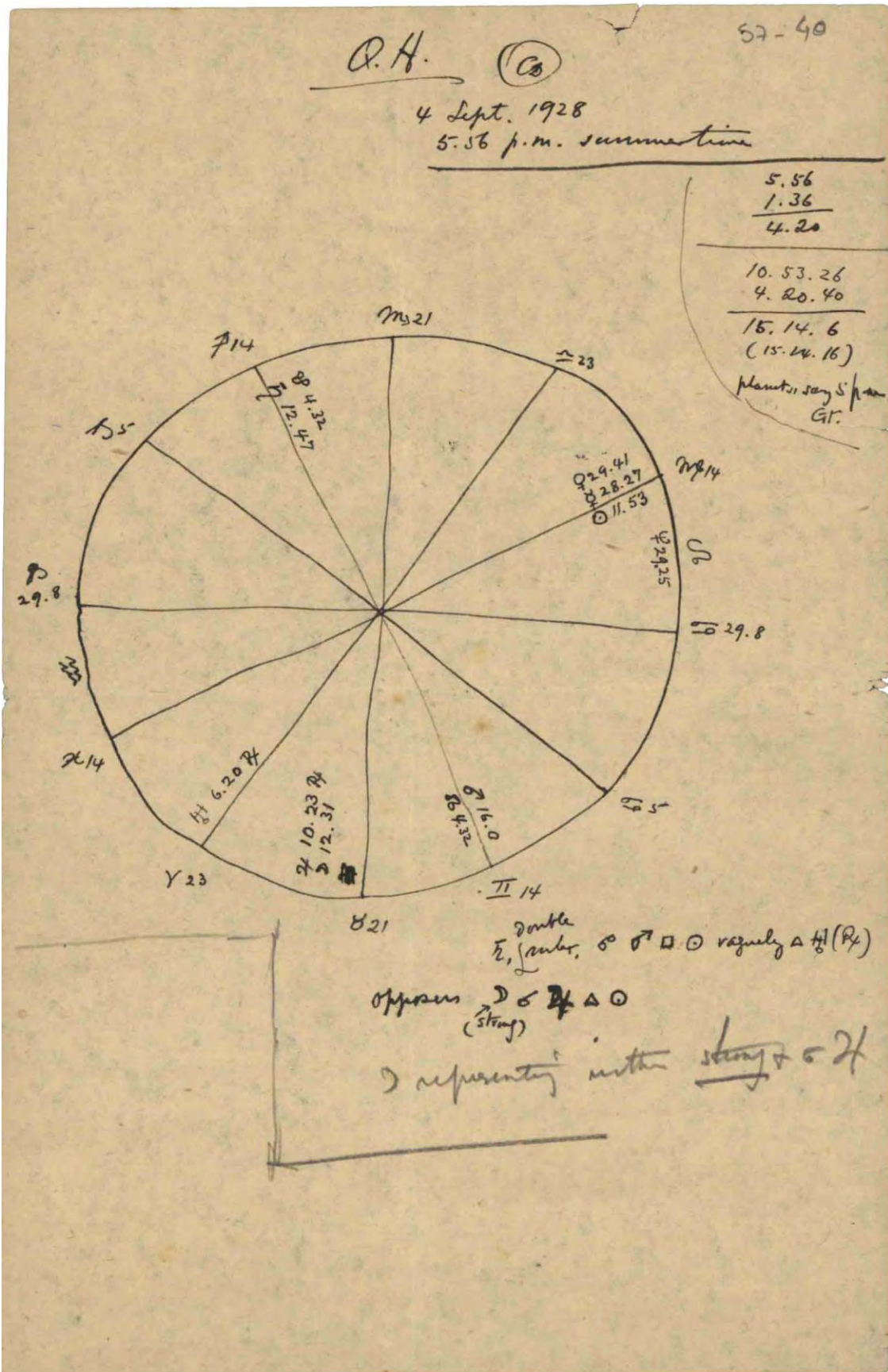
14.1. Análise astrológica por Fernando Pessoa, datável de 1932-1935, [p. 1] (BNP/E3, 90¹-55).



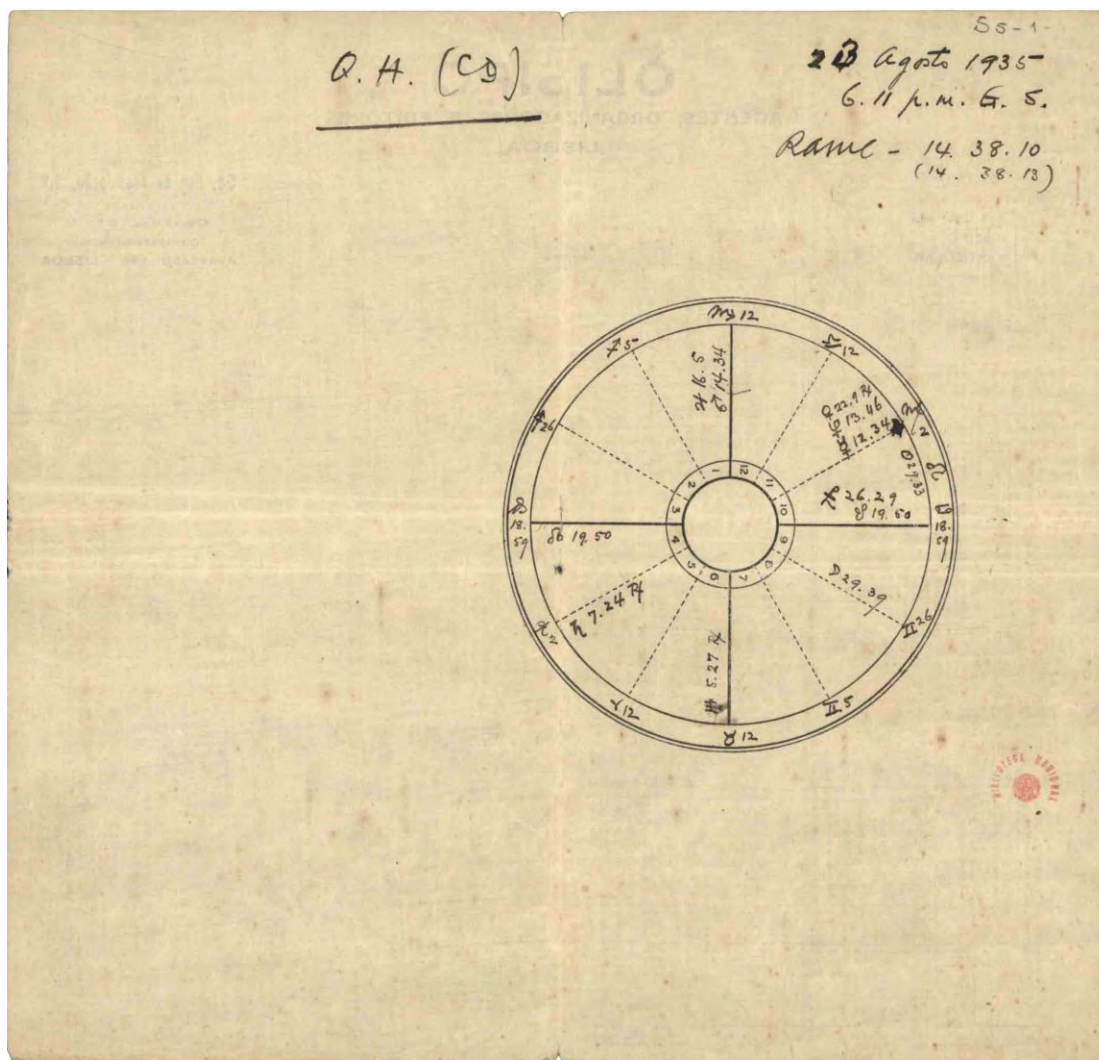
14.2. Análise astrológica por Fernando Pessoa, datável de 1932-1935, [p. 2] (BNP/E3, 90¹-56).



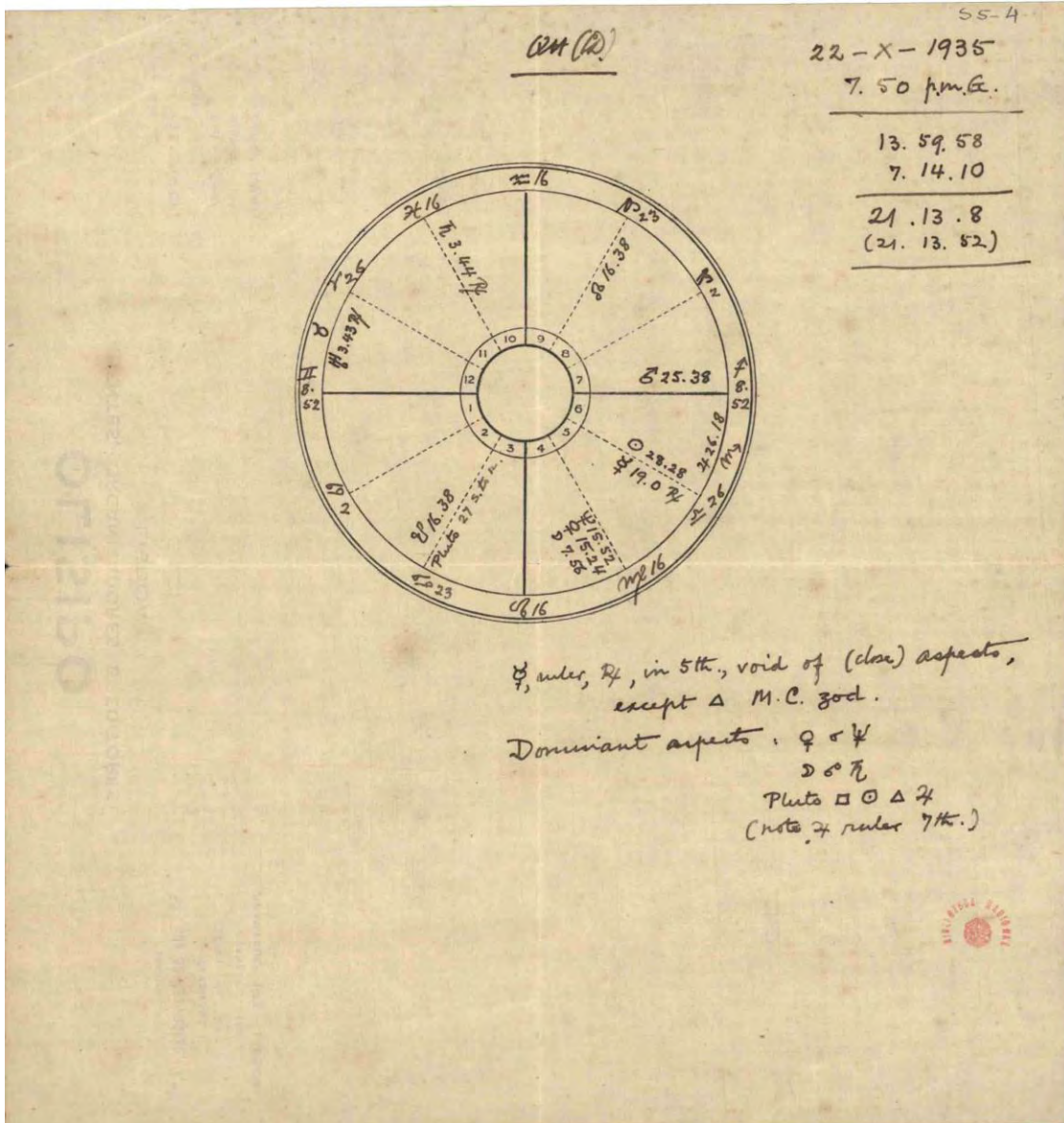
15. "Hor[oscopo] rectificado" de Alberto da Cunha Dias por Fernando Pessoa, datável de 1923, frente (BNP/E3, 90³-17^r).



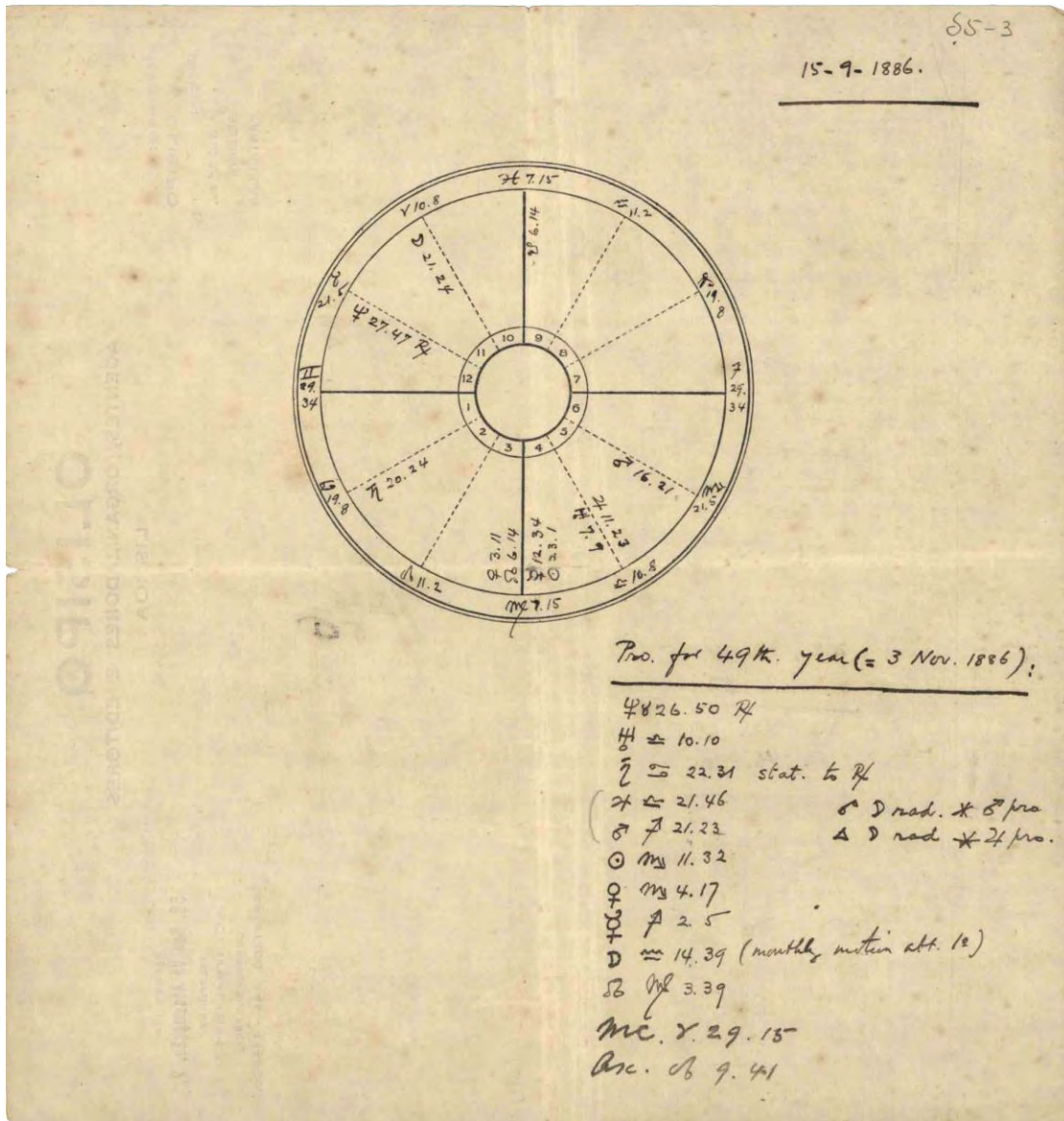
17. Q.H. (questão horária) de Cunha Dias às 5:56 p.m. de 4 de Setembro de 1928 (BNP/E3, S7-40^r).



18. Q.H. (questão horária) de Cunha Dias às 6:10 p.m. de 23 de Agosto de 1935, no verso de papel timbrado da empresa Olisipo (BNP/E3, S5-1^r).



19. Q.H. (questão horária) de Cunha Dias às 7:50 p.m. de 22 de Outubro de 1935, no verso de papel timbrado da empresa Olisipo (BNP/E3, S5-4r).



20. Horóscopo de Cunha Dias, presumido pela data de nascimento, com cálculo de progressão para o 49.º ano, aparentemente datável de 3 de Novembro de 1935, feito no verso de papel timbrado da empresa Olisipo (BNP/E3, S5-3^o).

125A-25

O meu livro "Mensagem" chamava-se primitivamente "Portugal". Alterei o título porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar - a observação era por igual patriótica e publicitaria - que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior Dynastia. "Quer v. por o título do seu livro em analogia com "portugalize os seus pés?". E Concordei e cedi, como concordo e cedo sempre que me fallam com argumentos. Tenho prazer em ser vencido quando quem me vence é a Razão, seja quem for o seu procurador. (procurador ocasional)

Puz-lhe instinctivamente esse título abstracto. Substituí-o por um título concreto por uma razão ...

E o curioso é que o título Mensagem está mais certo - aparte a razão que me levou a pô-lo - de que o título primitivo.

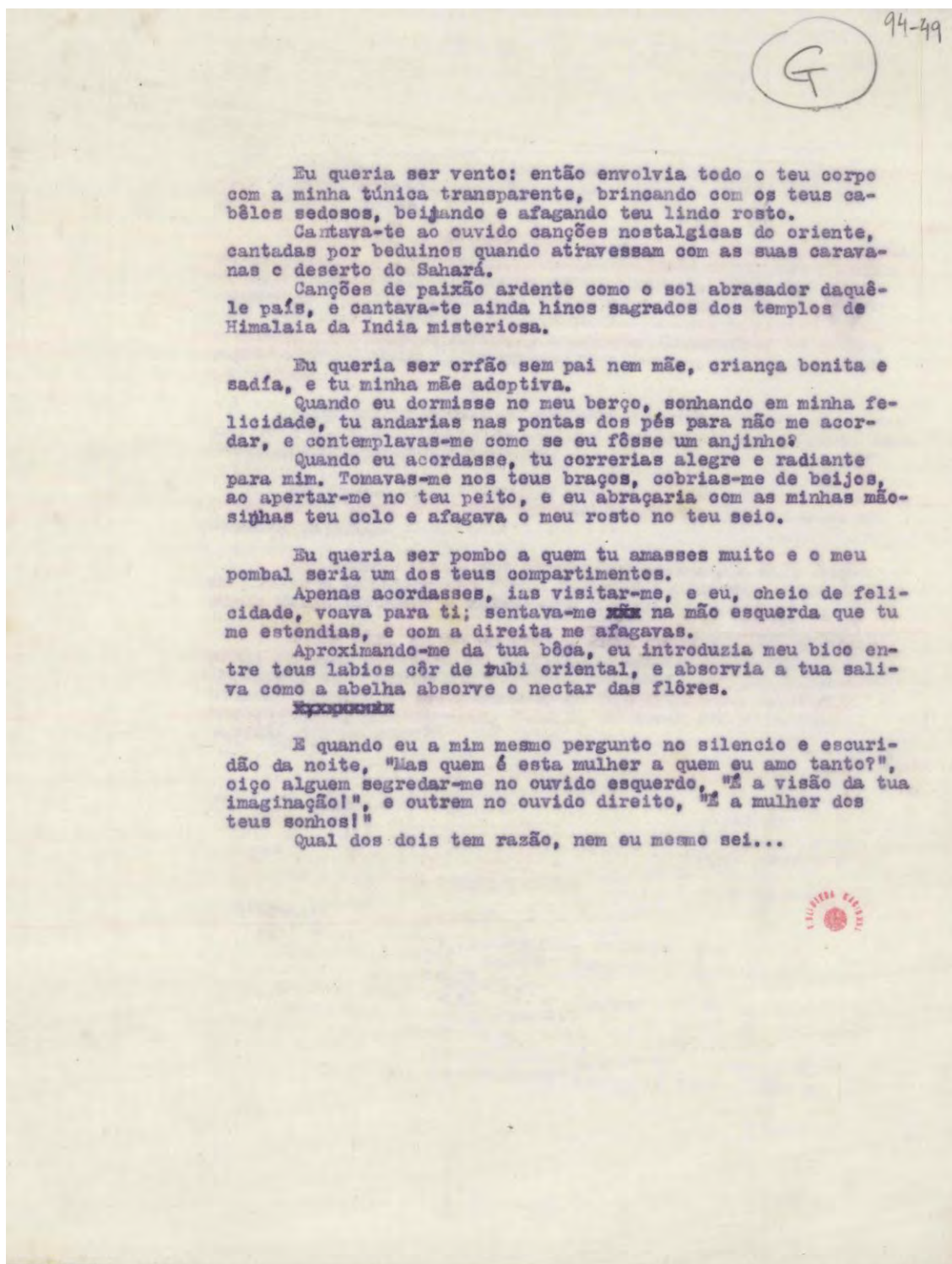
Deus falla todas as linguas, e sabe bem que o melhor modo de fazer-se entender de um selvagem é um manipanso e não a metaphysica de Platão, base intellectual do christianismo.

Reservo-me porém o direito de pensar que tal fôrma da religião é uma forma inferior. É sem duvida necessario que haja quem descasque batatas, mas, reconhecendo a necessidade e a utilidade do acto descascador, ~~xxx~~ dispenso-me de o considerar comparavel ao de escrever a Iliada. Não me dispenso porém de me abster de dizer ao descascador que abandone a sua tarefa em proveito da de escrever hexametros gregos.

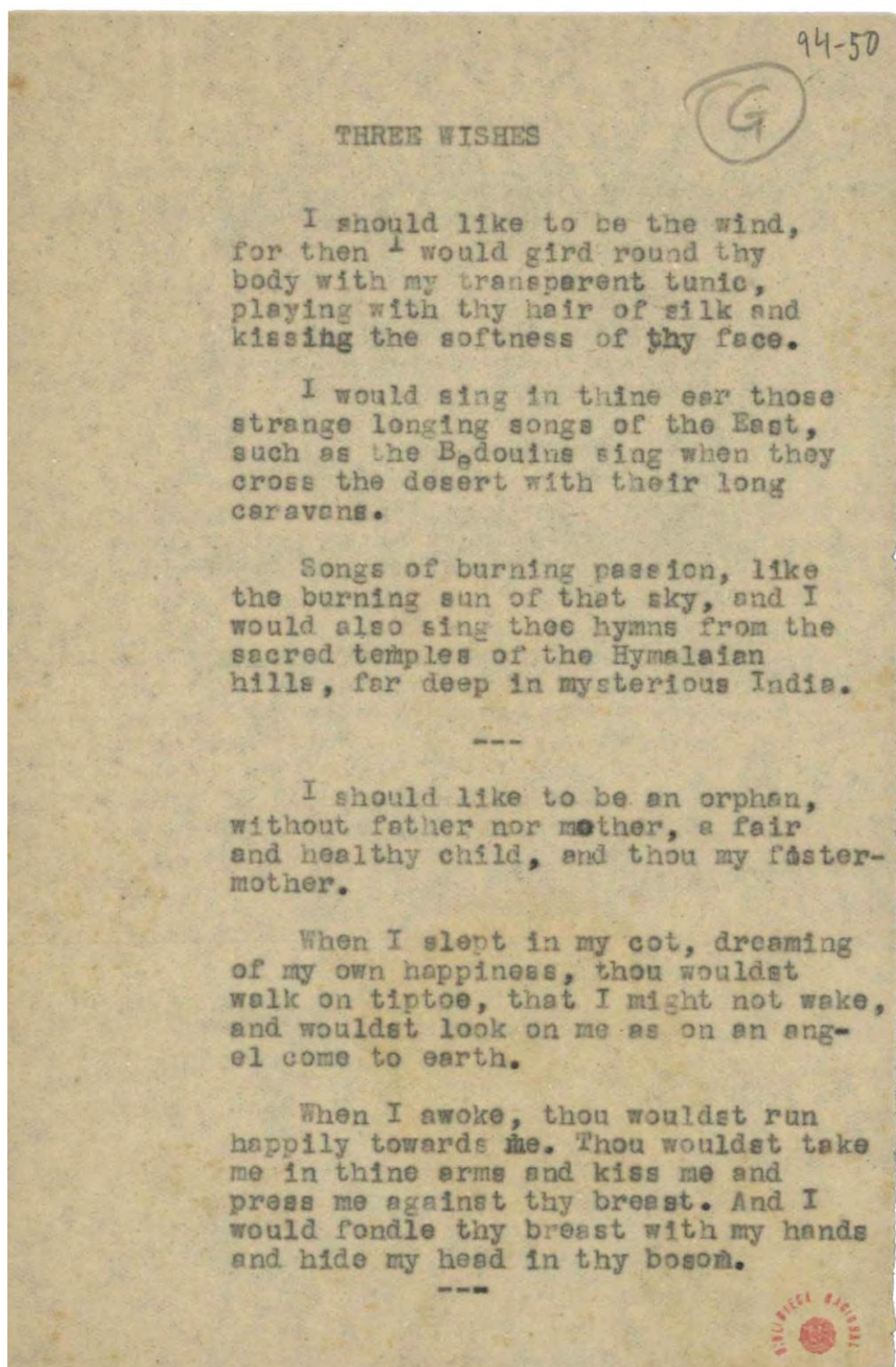
O logar onde exercia a sua profissão de lembrador era ~~xxxxx~~ uma enfermaria do manicómio districtal de



21. Nota de Fernando Pessoa, relatando a alteração do título do livro *Mensagem* (BNP/E3, 125A-25).



22. Poema em prosa existente no espólio pessoal, da presumível autoria de Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 94-49^o).



23. Tradução do poema em prosa anterior, primeira parte (BNP/E3, 94-50^r).

(2)

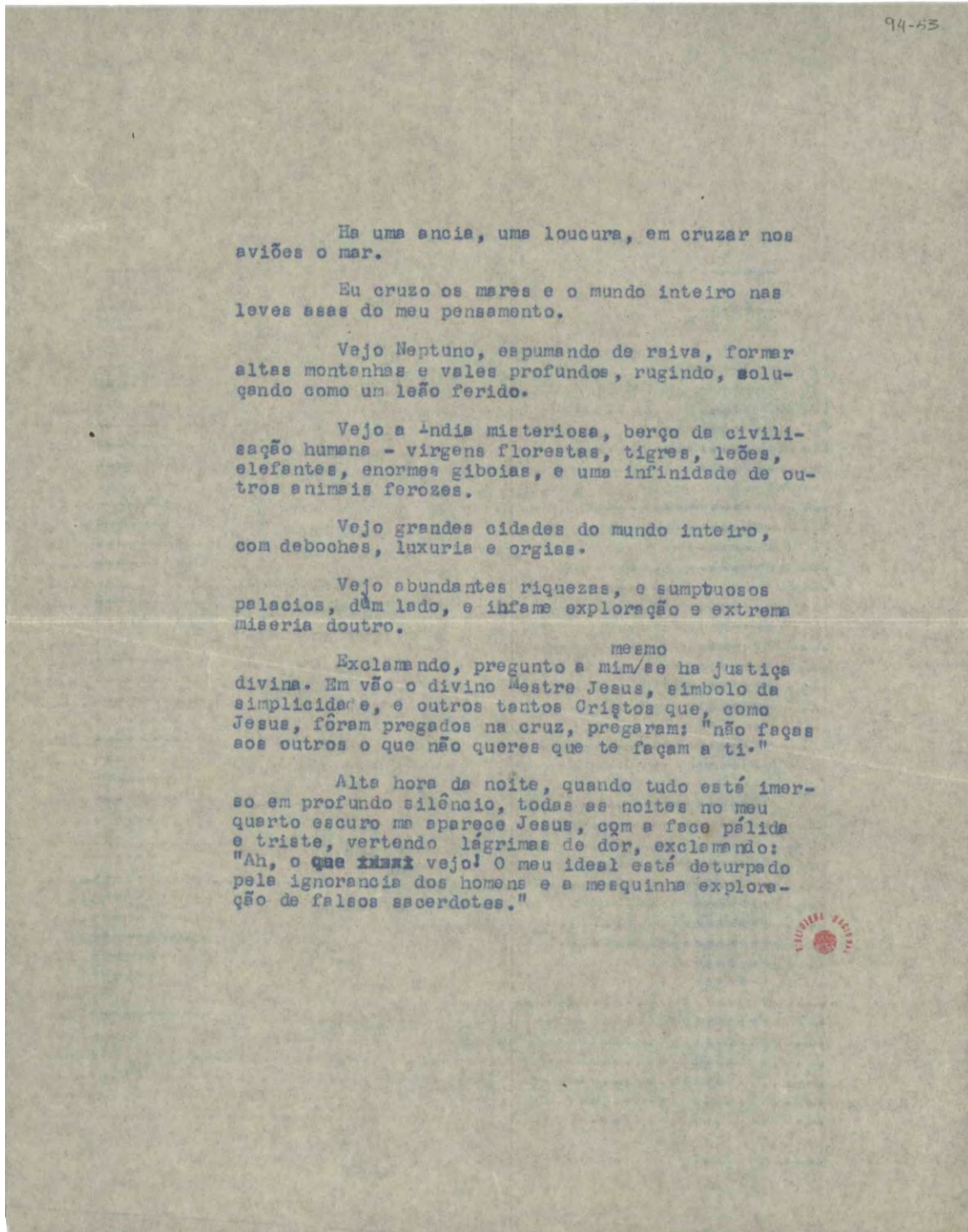
I should like to be a dove whom thou shouldst love deeply, and my dove-cot would be one of ~~xxx~~ thy rooms.

As soon as thou wakedst, thou wouldst come to me; I would settle on thy left hand, stretched out to me by thee, and thou wouldst caress me with thy right hand.

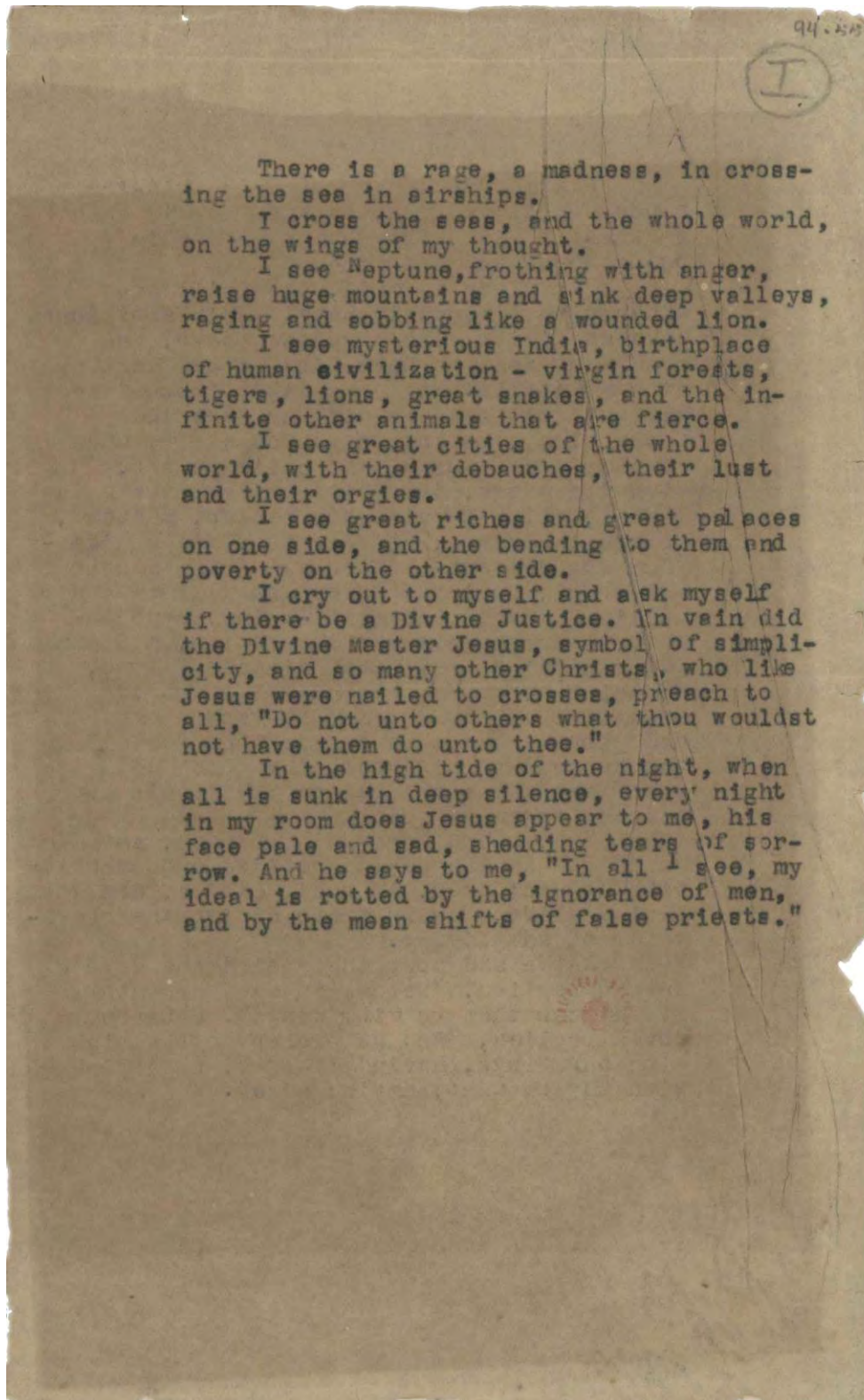
Bringing me near to thy mouth, I would put my beak between the Orient ruby of thy lips, and I would drink thy mouth's sweet water as the bee drinks the nectar of the flowers.

And, when I ask myself in the silence of the night, in the darkness before the dawn, "Who is this woman I love so much?", I hear a voice say to me from the left, "It is the vision of thine imagination", and a voice from the right, "It is the woman of thy dream". And I myself know not which voice speaks the truth to me.

24. Tradução do poema em prosa anterior, segunda parte (BNP/E3, 94-50^v).



25. Poema em prosa existente no espólio pessoal, da presumível autoria de Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 94-53^r).



26. Tradução do poema em prosa anterior (BNP/E3, 94-55^r).